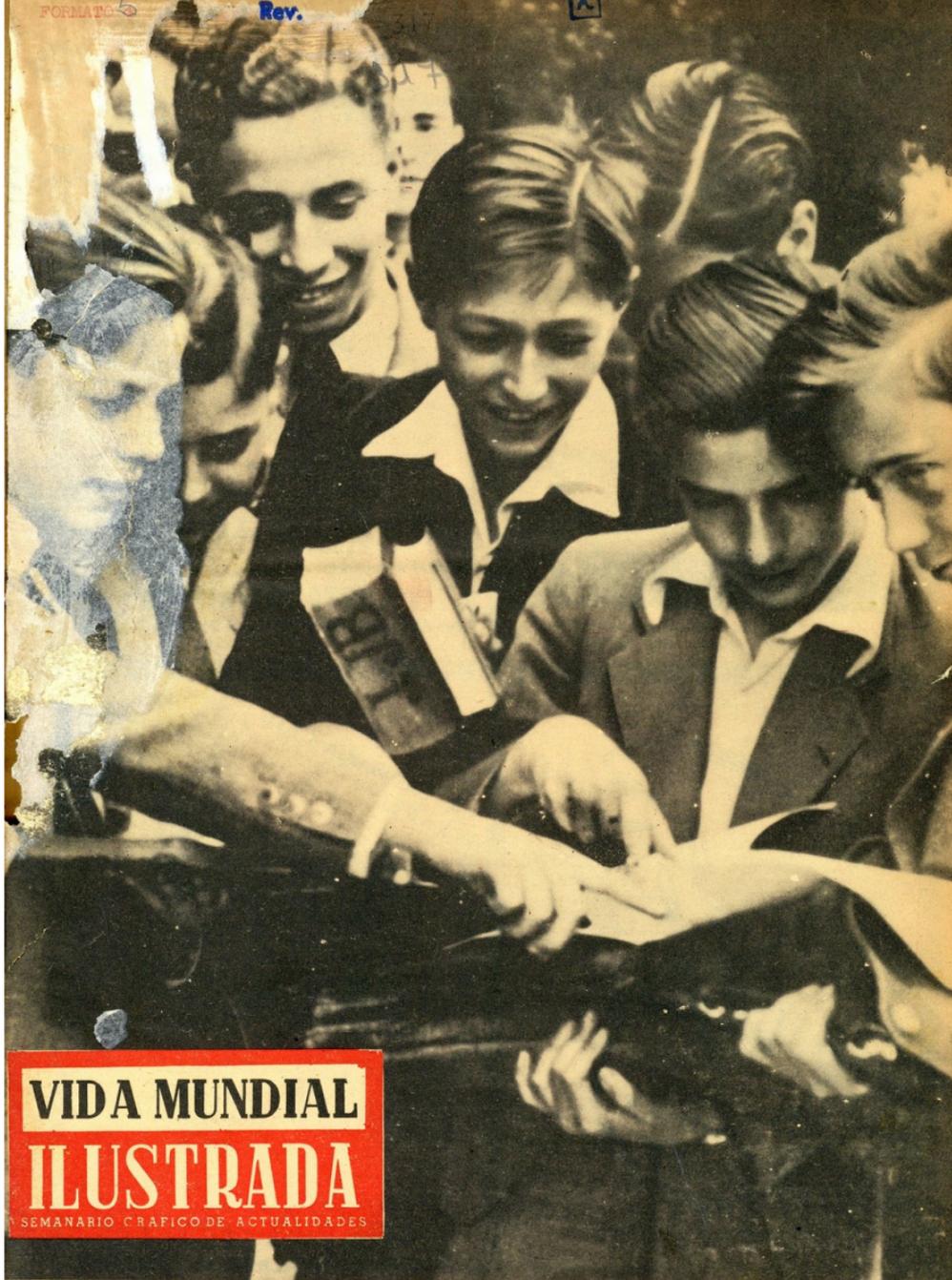


FORMATO 5

Rev.



VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

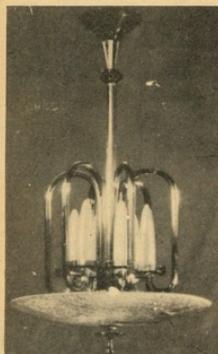
SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

OS RAPAZES DE HOJE, FUTUROS HOMENS NA NAÇÃO,
PREPARAM-SE DURANTE UM ANO INTEIRO PARA PRESTAR
PROVAS AGORA NOS LICEUS, ONDE ESTARÃO AS RAPOSAS
E OS CARULAS?

V-N.º 216 5 DE JULHO DE 1945
PREÇO AVULSO 1\$60

A ELECTROTÉCNICA BATISTA, SANTOS & C.ª, L.ª

Rua da Glória, 29-37 — LISBOA — Telef. P.B.X. 2 9531



LINDOS CANDEIROS
DE TETO E DE MESA

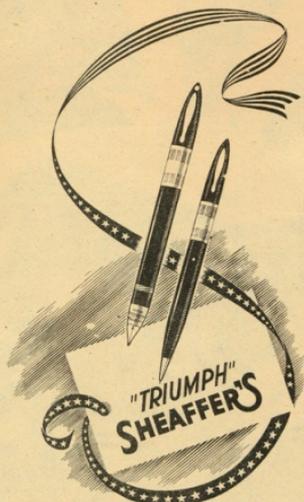
★

O MAIS VARIADO SOR-
TIDO DOUTROS AR-
TIGOS E MATERIAL
ELÉCTRICO PARA USO
INDUSTRIAL E PARTI-
CULAR.

NA NOVA SÉDE DA REPUTADA FIRMA

A ELECTROTÉCNICA
BATISTA, SANTOS & C.ª, L.ª

ESTABELECIMENTOS E ESCRITÓRIO ARMAZENS E ORÇINAS
Rua da Glória, 29-37 — Lisboa Rua da Glória, 6



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL AZEVEDO & DUARTE, L.ª
RUA DO CRUCIFIXO, 76-F-LISBOA-TEL. 26297



*Diplom. Cosmetólogo
Húngaro*

MARTIN ARANY

Atelier e depósito:

INSTITUTO VITORIA, L.ª

Rua do Ouro, 170, 1.º — Telef. 22072 — Lisboa

A BELEZA
é a riqueza!

A BELEZA
é o poder!

A BELEZA
dos músculos da
cara e a elasticidade da pele, são
conservadas
pelas vibrações-
-manuais da
massagem do
artista!

A BELEZA
da pele contém
os tratamentos
especiais e os
preparados
qualificados
e individuais do
especialista!

A CAMISARIA CHIC
XANEL



nos tecidos mais
finos, confec-
cionados por
medida.

VISITEM A
CASA

Xanel

A. V. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA

E ASSIM COMEÇOU A PAZ...

TIPO O MUNDO ENTUSIASMAMENTE, CELEBRANDO A VITÓRIA DOS ALIADOS MAS NINGUÉM COMO OS PRÓPRIOS ALIADOS, SENTIU A SOBREVIVÊNCIA DO TRIUNFO. AQUI, NEMOS ALGUNS ASPECTOS DO QUE FORAM AS COMEMORAÇÕES EM MONTREAL, TAL QUAL NÓSOS EXEMPLOS, FORAM AS NOVISSIMAS DICHAÇÕES.



Uma chave de artilharia sob o Euxino e granada de fogo de artilharia sob o céu central de St. Paul.



O italiano no ponto Montebello multi-cores de tel. desde sua a. Nacionalista de- face forte uma mancha uniforme.



Masora, huns de seu canhão, hells a noite sob a luz intensa das explosões, no abismo de vitória final.



Sócio a Praça Versalhes, pouco que se espera um infatigável, para fazer os olhos de grande presença desde sua celebração.

ONDE SE REVELAM DOIS SEGREDOS DESTA GUERRA



Primo, quando se revela sua natureza e quando sob o céu, lançando fogo em seu alvo.

Além disso, a luz elétrica e uma fita de luz paralela com o céu em um momento.

Um aparelho de R.F. instalado em uma torre de rádio de 100 metros de altura, com uma antena de 100 metros de comprimento.



Dois abedixes de Versalhes, membros do Exército Italiano, glorioso na vida marcialista de Paris e de St. Paul.



Um aparelho de R.F. instalado em uma torre de rádio de 100 metros de altura, com uma antena de 100 metros de comprimento.

VERSALHES LIBERTADA

UM EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

ARTIGO INÉDITO DE JEROME THARROD (do Acme Français) E JEAN THARROD

Desde o seu retorno desde Montreal, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos...

Quando se tem o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos...

Quando se tem o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos...

Quando se tem o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos...

NA ITALIA LUTA-SE CONTRA A TUBERCULOSE

Desde o seu retorno desde Montreal, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos, o primeiro de seu país, onde se encontra com os seus amigos...



Um grupo de pessoas em um ambiente doméstico, possivelmente uma família, em um momento de interação social.



Um grupo de pessoas em um ambiente doméstico, possivelmente uma família, em um momento de interação social.

Um grupo de pessoas em um ambiente doméstico, possivelmente uma família, em um momento de interação social.

Um grupo de pessoas em um ambiente doméstico, possivelmente uma família, em um momento de interação social.



O QUE NOS DISSE UM ESTUDANTE AMERICANO ACERCA DA MULHER AMERICANA, DOS CASAMENTOS E O QUE SE VIU EM FILADÉLFIA

Um bonito recanto de Filadélfia — a Praça de Pensilvânia

A BARRANDA DE FILADÉLFIA

AO podemos dizer que conhecemos a América apenas por termos visitado as suas cidades. E preciso travarmos conhecimento com o seu povo, estudar a psicologia dessa Nação que, em pouco mais de um século e meio, se transformou numa das maiores potências mundiais.

Foi ao caminho de Filadélfia que aprendemos muito acerca do carácter yankees. E foi assim, porque um estudante universitário, que por acaso viajava na nossa companhia, amavelmente foi respondendo as muitas perguntas que lhe fizemos. A primeira foi esta: — O que pensa da mulher americana?

O que nós queríamos era saber se a americana era como muitas vezes a julgam: frívola, leviana, vivendo apenas num mundo de prazeres, trocando facilmente as suas amigas, o marido e o lar.

Pelas respostas que o nosso companheiro de viagem nos foi dando, podemos concluir que não existe um tipo único de mulher americana. É preciso distinguir as que pertencem à alta sociedade e as outras cujo modo de vida e recursos se situam na burguesia e no povo. Em cada uma destas condições há diferenças individuais, devido ao temperamento, educação e circunstâncias de vária ordem. E entre as mulheres da classe burguesa, na América, que é preciso observar as qualidades da raça e os traços sólidos duma civilização original.

Mas não podemos chegar a quaisquer conclusões em face da mulher da alta sociedade.

Aqui, a mulher está sujeita às idéias mais caprichosas que é possível imaginar, mas é preciso não esquecer que as médicas, engenheiras, advogadas, etc., não perdem as qualidades de graça e elegância que lhes são próprias.

Na América, a mulher é rainha e, como tal, respeitada e adorada. O respeito que lhe tributam não é somente um gesto de cortesia, uma demonstração de elegância mundana. É um sentimento real, um produto natural do meio. As relações entre raparigas e rapazes são muito frequentes. A frequência cria o hábito e este amortece o instinto. A grande camaradagem é um dos encantos da vida yankees e, por isso, a mulher casada e a rapariga solteira têm as mesmas liberdades.

Além dos seus deveres de dona de casa, a mulher casada tem as suas relações de amizade, mesmo masculinas, sobre as quais ninguém se lembra de lançar uma suspeita. O carácter da mulher responde por ela.

NO CORAÇÃO BURGUES

Penetremos no lar americano. O labor doméstico é simplificado pelas máquinas movidas à electricidade, pela água corrente, quente, e por tantas outras coisas maravilhosas, postas ao serviço da mulher. As famílias numerosas são raras, porque têm mais de dois filhos são, geralmente, de origem estrangeira. A alta cultura e a possibilidade frequente para a mulher, de exercer uma profissão, não são favoráveis à maternidade.

Numa civilização complexa, onde os dois sexos têm os mesmos direitos, o lar perde um pouco daquilo que ganha na colectividade. As mulheres mais conscientes do seu tempo, não se consagram os 10 primeiros anos do matrimónio à fundação duma família e só depois frequentam as reuniões. As raparigas pouco tempo têm para aprender os trabalhos do lar. As Universidades, porém, têm cursos de economia doméstica que substituem, numa certa medida, o ensino familiar. Como são cultas e têm o hábito de dizer o que pensam, sem falsa modestia, elas sabem exprimir-se com distincto. Mantêm conversa com os homens, mesmo sobre assuntos políticos, pois estão a par do que se passa no Mundo.

Fazem parte de sociedades de beneficência, de clubes, e desde que alcançarem o direito de voto, elas reúnem-se na secção feminina do partido de-

mocrático republicano, a fim de fazerem valer a sua opinião nas reformas morais e sociais.

Quanto à moda feminina ela é, a maior parte das vezes, uma cópia das modas de Paris. É a americana simples, à estudante dos colégios, a mulher da classe média entregue ao trabalho do seu lar ou às actividades exteriores, que é preciso ir procurar o que há de não neste povo e de poderoso nesta civilização.

Independência e personalidade, espontaneidade, gravidade, cordialidade simples e franca, actividade intelectual, competência e devoção nas obras sociais — tais são os traços duma mulher americana.

UMA PREGUNTA A PROPOSITO

Enfim, depois de tantas informações sobre a psicologia yankees a uma pergunta observava o espirito de todos os que, embarcados comigo em Lisboa, ouviam este jovem estudante americano: — Será a mulher a causa dos frequentes divórcios?

O estudante sorriu e disse que não, não era ela. Diversas causas justificavam a dissolução dum lar.

O individualismo domina. Os jovens não se deixam casar pelos pais, não aceitam o que se chama um casamento de conveniência. E em matéria de amor e de união conjugal que o individualismo reclama os seus direitos com a mais firme intransigência. O consentimento dos pais não é necessário para a cerimónia nupcial.

Mas surgem as dificuldades: os individualismos chocam-se, as uniões deslocaem-se. Assim se recorre ao divórcio porque a lei, correspondendo aos traços do carácter nacional, consagra o individualismo, permitindo sem grandes formalidades, a dissolução das uniões. As leis do casamento e do divórcio não são, aliás, as mesmas para os diferentes Estados.

O grande número de divórcios é devido, pois, não à mulher, mas à maneira rápida com que se fazem as uniões. Não há tempo para conhecer o carácter daquele ou daquela a quem se liga o destino e o resultado dessa pressa é o divórcio.

Com certeza que os portugueses ficam a pensar: não seria melhor que os americanos fossem menos apressados nalguns problemas? Com um pouco de reflexão, poder-se-iam evitar casamentos que, muitas vezes, passados alguns dias apenas, podem estar dissolvidos.

Mas, enfim, os americanos têm pressa em tudo e a reflexão roubar-lhes-lá um tempo precioso. E quem está disposto à reflexão, se nesta terra «time is money»?

CHEGAMOS A FILADÉLFIA

O comboio parou, finalmente, em Filadélfia. Podíamos ter descrito o que foi essa cómoda viagem, mas preferimos preencher o tempo neste contacto de vidas interiores. De passagens entre os catálogos cheios, nós não nos aliamos assim, deixar de nos subtrair aos panoramas de Filadélfia.

O amável estudante profissionalizou-se servindo de guia.

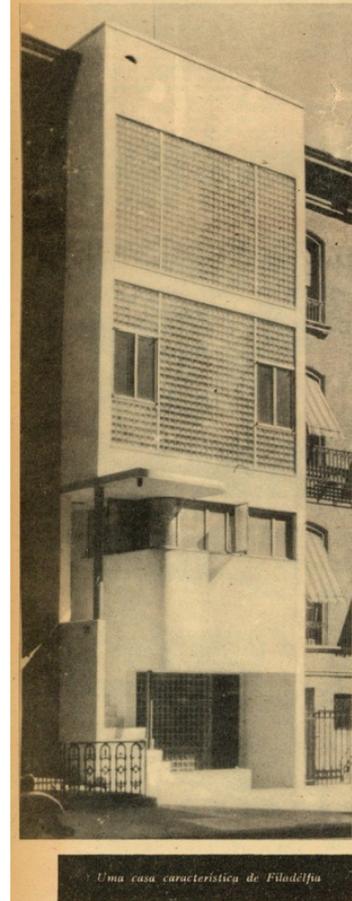
Elis-nos na cidade cujo plano foi traçado por Penn, ferroviário adepto da seita dos Quakers, que professava a doutrina cristã do amor do próximo. Perseguido e preso na Inglaterra, Penn ambicionava obter um território livre na América, a fim de o transformar em lugar de refúgio para os Quakers.

Os Quakers constituem uma seita religiosa que se distingue das outras por não empregar a palavra «templo». Não têm sacerdotes. Reúnem-se em silêncio, separando as idéias de uma inspiração e se levante, a fim de pronunciar, em êxtase, a sua oração.

Um povo obedi e desejado território, mediante uma carta do rei Carlos II da Inglaterra.

Fêz uma apêlo aos seus correligionários que vieram em grande número e baptizou o país que foram habitar com o nome de «Sylvania», devido às espessas florestas que o cobriam.

Foi Filadélfia a primeira grande cidade, a cidade



Uma casa característica de Filadélfia

UMA REPORTAGEM NOS ESTADOS UNIDOS

do «amor fraternal». Fiel ao duplo ideal da fé cristã e de cultura intelectual que o seu fundador representava, Filadélfia tornou-se o primeiro centro das actividades do espírito. É um dos mais antigos pontos de reunião da ordem maçônica dos Estados Unidos.

Esta confraria conservou, no Novo Mundo, o carácter que tinha em França antes da Revolução; é um grupo de auxilio social, professando um idealismo lesta e filantrópico que lhe dá um carácter quasi religioso.

Durante a Revolução, Filadélfia tornou-se o teatro dos principais acontecimentos donde saiu a Liberdade.

Em 1774 reuniu-se nesta cidade o 1.º Congresso Continental, onde os delegados de todas as colónias decidiram organizar a resistência contra os abusos do poder do Parlamento Inglês.

A reunião teve lugar no «State House», hoje chamado «Independence Hall», e venerada como o berço da Liberdade americana. Na mesma sala foi adoptada a «Declaração de Independência» em 1776, e foi proclamada a Constituição em 1787.

Washington residiu em Filadélfia como presidente, até que a capital federal estivesse preparada para o receber.

É esta a breve descrição de Filadélfia como cidade histórica. Encontram-se grandes e belos hotéis como em todas as principais cidades americanas.

O «City Hall» é um edificio imponente; o templo maçónico, construído em granito, é um dos belos monumentos. Filadélfia, coroa da sua importância, foi uma das cidades americanas que quis rodear-se de beleza. A arte da, um vasto terreno, ligeiramente ondulado, foi transformado num parque, o «Farrington Park», que é uma das maravilhas da arte dos jardins.

É uma cidade elegante e letuada. Tem uma Sociedade Literária, com mais de um século; uma Academia das Ciências, Litteras e Sociais, cujas publicações são universalmente conhecidas; a Biblioteca, fundada por Franklin, é muito rica em documentos antigos; o Museu de História Natural tem preciosas colleções.

Filadélfia, a cidade dos Quakers, ficou celebre no século XVIII pelos seus costumes, a sua tolerância, a sua actividade intelectual. Foi ella que formou a Benjamin Franklin o meio favorável ao seu génio, ao seu bom-senso. Franklin, primeiro representante do «self-made man», adquiriu uma reputação mundial e conduziu habilmente em Pa-

ris, as negociações para obter a aliança da França em 1778.

Detemo-nos alguns minutos de frente de «State House», geralmente conhecido por «Independence Hall».

Um impressionante silêncio nos rodeia. Recordase a luta que esse povo manteve contra a Inglaterra, o desejo de liberdade que animava esses rudes colonos, a simplicidade, a tolerância que os caracterizava.

«Independence Hall» era, certamente, o mais histórico edificio de Filadélfia. Fora alli que nasceu a liberdade dum grande povo que, em menos de 200 anos, se impusera ao respeito e à admiração de todo o mundo.

Que cidade devíamos visitar agora? Charles, o estudante que nos acompanhava desde Nova-York, sugeriu que nos dirigissemos a Washington.

Amavelmente nos offereceu a sua casa. No nosso Itinerário, Washington figurava como última visita. Mas, já agora, não podíamos rejeitar este convite que nos punha em contacto, mais de perto, com a familia americana.

Dirigimo-nos, pois, para Washington, a capital federal.

WASHINGTON — A FAMÍLIA E O LAR

O plano da cidade de Washington foi traçado por um official francês, o major Lenfant, que tinha servido no exército de Rochambeau. Este plano, original e feliz, fez de Washington uma das mais belas e harmoniosas cidades da América. As ruas e avenidas são de uma largura majestosa, ladeadas por hotéis, edificios públicos, etc.

O «Capitoll», construído numa elevação, recorda o estilo dos monumentos romanos, imitados da arquitectura grega e do Pantheon de Paris. A fachada está voltada para Leste, local para onde se julgava que a cidade teria o maior desenvolvimento. Mas ella engrandeceu na direcção Oeste, alcançando as margens do Potomac e as colinas vizinhas.

De noite, iluminado pelos projectores eléctricos disseminados nas construções vizinhas, este bello edificio resplandece como um palácio de maravilhas, simbolizando, aos olhos do povo, a majestade da democracia americana. A sala Norte, que foi,

(Continua na página 16)



É nas grandes fabricas que a cooperação da mulher mais se engrandece. Estas reparadoras trabalham na confecção de fatos para o exército.



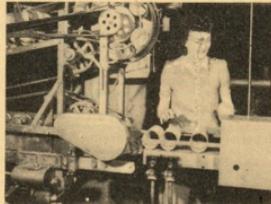
Como a sua vida está organizada de modo a não poder fazer vida caseira, as reparadoras aprendem nas escolas os serviços de cozinha



Nas escolas de «nurses» — o Center Nurse, por exemplo — a mulher aprende a ser dona de casa, faz-se «economista» caseira, aprende a ser enfermeira e mãe disvelada



Médica e enfermeira, a americana colabora com os poderes públicos na preparação de um mundo melhor, em que os homens sejam fortes e decididos.



Esta reparadora é empregada numa fabrica de fazer «latas» de papel, destinadas a embalar o óleo lubrificante



É também nos campos que a mulher exerce a sua actividade: muitas vezes preparando directamente a terra, outras vezes dedicando-se às experiências nos institutos agronomicos



No lar das altas camadas sociais, como nos outros dos pequenos burguezes, a vida, também decorre com simplicidade, conforto e ternura, pela graça que a mulher sabe criar à sua roda.

UM ESCRITOR MARROQUINO EM MADRID

TAREED BUD

FALA-NOS DA SUA TERRA E DOS SEUS POETAS

Tapeddin Buzid, do centro, quando estava para nos

QUANDO me apresentaram Tayeddin Buzid estava longe de supor que aquele rapaz moreno e simpático fosse um mouro e muito menos um marroquino da moderna geração, cheio de sonhos, cheio de belas idéias e de interessantes esperanças numa próxima independência do mundo árabe.

Dominando correctamente não só o castelhano como também o francês, o italiano e o alemão, exalando da Soph na Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Fez, Tayeddin Buzid era um personagem interessante para uma entrevista, dando o grande desconhecimento que o nosso «Chado» tem acerca de todos os problemas que hoje afectam o mundo árabe, e muito especialmente em tudo aquilo que se refere ao moderno pensamento marroquino.

Solicitémos-lhe uma entrevista; accedeu de bom grado com as melhores palavras de elogio para o nosso Portugal — dois dias depois encontrámo-nos numa esplanada de Castellhana. E rodeados de olhos femininos indiscretos e provocadores e de mããs com bebês e sem bebês chamando choruchissas ou lambendo escassas, Madrid está um inferno de calor... — Tayeddin Buzid e eu passávamos espiritualmente por essas terras legendárias de velhas ruínas portuguesas que do Atlântico e Mediterrâneo se espreguiçam até as ruínas bréberes do grande Atlas.

A nossa curiosidade não tinha limites... Num desejo louco de saber, num desejo ímpe, eu fazia-lhe mais perguntas do que um doutor em todas as áreas de actividade humana, do político ao social, do religioso ao poético, do literário ao amoroso. Buzid respondia sempre com um sincero e sem qualquer affectação... Quando lhe perguntámos se os Marrocos possuíam já uma escola, uma «élite» capaz de impor o país além fronteiras, Buzid respondeu-nos imediatamente:

— Está claro que possuímos uma «élite», e devo dizer-lhe que de há muitos séculos a esta parte a minha pátria jamais teve uma «élite» intelectual como presentemente. Todos os anos das nossas Universidades saem gerações novas de médicos, de advogados, de filólogos, de homens cultos que de lá partem cheios de saber e alegria por irem ser úteis ao seu país! São muitos os jovens que depois vêm à Europa completar os seus conhecimentos ou estudar as modernas correntes da sociologia europeia.

— E a vossa literatura está muito desenvolvida? — Sim, está muito desenvolvida e pode absolutamente rivalizar com qualquer do chamado mundo cristão.

— Claro que deveis ter muitos poetas!...

— Compreendo porque me fazes essa pergunta; a poesia é sempre a porta de evasão das almas que não vivem livres... Temos muitos poetas bons; entre os melhores destaca-se a figura nacional de El Fasi, o poeta da Juventude, cujo sentimentalismo contrasta com a sua fogaosidade política e cujos poemas revivem glórias do passado esplendor marroquino e acalentam o desejo de um melhor futuro para os árabes. Outro poeta de muito valor é Mojtár Sual, exemplo de como os bréberes armados de idiomas árabe podem dar altos vãos a sua imaginação. Mojtár Sual é um poeta do sul que canta a beleza selvagem das altas montanhas, o ardor do deserto, a animação dos mercados rurais, o entardecer perfumado nas brancas aldeias montanhosas e os esbeltos guerreiros loiros os mouros do Atlas. Não quero deixar de citar-me o Prof. Gueunne, meu cunhado, maravilhoso nos temas descritivos e nos perfis históricos. E como também me orgulho de ser poeta, dou o nome das minhas principais composições que escrevi para mostrar: «A Luz da Lua», «Fombas de ontem», «Aquele que foi a Esperança», «Do auto da colina...». Escrevi-as para o nosso grande romancista Aguerbouchen, que tem trabalhado em numerosas capitais europeias e é o autor da música do filme francês «Pepe, le Mokos».

— E onde é que a literatura está mais desenvolvida, no Marrocos francês ou no espanhol? — Tayeddin Buzid desta feita parece hesitar... O seu olhar negro é agora mais calmo, mais sonhador.

— No Marrocos francês não há liberdade de imprensa árabe; contudo, nem por isso se edita

menos que no espanhol. Claro que tanto os nossos jornais e revistas assim como a nossa literatura não podem sair dos limites impostos duramente pelos franceses. Escusado será dizer que os temas nacionalistas estão absolutamente prohibidos... Ao contrário do que sucede no Marrocos francês, no espanhol o Estado-protector ajuda muito a nossa literatura, chegando a auxiliar a fundação de revistas e jornais... E, enquanto naquele o idioma básico nas escolas é o francês, no Marrocos espanhol o árabe é o idioma nacional... Para que em Portugal possamos avaliar o nosso labor intelectual, citarei o nome de algumas das nossas revistas, cujas tiragens são já muito apreciáveis: «Salam», «Al Maghreb», «Al Yaddid», «Al Irchad al Dinis», de Tetuão, «Majallat al Maghrib», «Al Tawafa», «Maghribias», «Attaccaddum», etc. Os dois melhores diários árabes eram até há pouco, no Marrocos francês, o «Action du Peuple», redigido em francês, e no Marrocos espanhol o «Unidad Marroqui» que, recentemente, por questões pessoais, deixou de se publicar.

Não sei porque motivo voltámos outra vez à poesia; talvez por que o Sol batendo em cheto no pétreo rendilhado do Palácio dos Correios o valorizava sobremaneira... Foi, então, que Buzid me disse que era autor de um livro sobre poesia árabe intitulado «O Génio Marroquino e a Literatura Árabe», do qual existe já uma tradução em castelhano. Disse-nos tê-lo escrito para desfazer a idéia que muita gente cristã tinha de que os árabes não

tinham nada de valia e para que o mundo compreendesse todo o potencial intelectual dos muçulmanos. «Tive muita dificuldade em coligir dados — disse Buzid — dada a grande abundância de obras manuscritas existentes nos arquivos... E disse-nos ainda que, excepto o Prof. Gueunne, a quem acabam de conceder o título de Doutor «Honoris Causa» da Universidade Central de Madrid, ninguém até hoje se tinha preocupado com tais trabalhos de investigação e selecção.

E por que a hora da esta imperativamente se avizinhava e nos obrigava a separar, levámos de novo a conversa para o campo político e perguntámos-lhe repentinamente:

— E como vê a questão da Síria e do Líbano? — Buzid sorriu e, já de pé, disse-nos com toda a firmeza:

— O Mundo árabe encontra-se espiritualmente unido no seu ódio à França, que sempre nos tratou como se fôssemos autênticos selvagens do Senegal ou do Congo. O movimento pan-árabe não tem carácter religioso mas unicamente político — os árabes devem ser livres, e nós, os do Marrocos espanhol, que tanto devemos à magnanimidade do Governo de Franco, saberemos chegar amigavelmente a um acôrdo com o Estado-protector. Na questão da Síria do Líbano as nossas melhores esperanças residem na Inglaterra, que em todo o mundo árabe disfruta das melhores simpatias.

LUIS DE QUADROS

O PRIMEIRO SOLDADO FRANCÊS PRISIONEIRO DOS ALEMÃES QUE REGRESSA A PORTUGAL

CHAMA-SE Henri Pierre Guillot, veio para Portugal em 1921, educou-se no Pôrto, onde viveu durante longos anos e chegou a casar e foi pai. Mas, em 1939, reentrou a guerra. Guillot, que era operário, foi chamado pela pátria. Partiu, incorporaram-no em Montpellier e foi radiotelegrafista. Depois, esteve em Dunquerque, fizea a campanha da Bélgica e da Holanda. A 4 de Junho, porém, era prisioneiro. Andou horas e horas a pé, viu-se encerrado em vagões de mercadorias, sofreu castigos morais e físicos, sofreu bolandas de campo para campo de concentração, foi agricultor forçado e operário nas fábricas «Dorniers»...

É este homem, o sr. Henri Pierre Guillot, o primeiro prisioneiro de guerra português a regressar a Portugal, segundo informa o «Comércio do Pôrto» numa longa entrevista publicada há dias. Na foto, vêmo-lo ao lado de sua esposa e do regente, que notou:

— Quando partiu, era jovem. Agora, os cabelos embranqueceram-lhe...

O seu drama é, possivelmente, o drama de milhares de prisioneiros. Outros terão mesmo succumbido. Guillot, porém, regressou. E, no convívio da esposa e da filha — deixou uma criança de cinco anos e veio encontrar uma senhorinha de onze — faz por esquecer a imensa tragédia que viveu em seis anos de luta, cativello, desespero e fome.





OS "TRES GRANDES" QUE VAO REUNIR-SE EM BERLIM, INGLUND UMA COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DO «ILUSTRATED»

A acção unilateral do governo austriaco na zona ocupada pela Rússia foi outro. A intransegurança manifestada na demarcação das zonas de ocupação da Alemanha também pode ser apontada como exemplo.

Além disso, os russos desde que terminou a guerra na Europa estabeleceram um «black-out» completo que obscurece vastos territórios do continente, tornando impossível saber-se o que se passa sob o controle soviético.

Quem, naturalmente, acompanhou a política soviética inicial, pôde com a maior das facilidades convencer-se que os russos pretendiam dividir a Europa em duas partes distintas, cuja fronteira fosse intransepável.

Perante sentimentos tão claramente expressos, não era de admirar que os povos britânico e norte-americano desconfiassem dos motivos em que se baseava a attitude reticente e secreta dos soviéticos, aliada ao atabalhoamento com que foi feito o tratado franco-soviético e a intransegurança original da Rússia em S. Francisco.

ESTAMOS em vésperas duma nova reunião dos chefes políticos das nações que se propõem orientar os destinos do mundo e da humanidade durante um espaço de tempo ilimitado.

Embora não seja esta a primeira vez que tal acontecimento se regista no calendário internacional, este próximo encontro dos principais representantes dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Rússia reveste-se, todavia, dum carácter excepcionalissimo devido às condições em que aparece envolvido.

É fácil estabelecer, sem quaisquer préambulos, as razões justificativas da superioridade de interesse e importância em relação às anteriores reuniões. Na verdade, o facto de se pretender tratar antes de mais nada os problemas da Paz, a ausência irremediável do Presidente Roosevelt e a consequente estrela do Presidente Truman em missões desta natureza e a instabilidade natural, se bem que provavelmente momentânea, da posição de Churchill, são casos suficientes para definir a superioridade de interesse e importância a que atrás nos referimos.

Conclue-se daqui, portanto, que a personalidade mundial cuja situação se mantém estática neste fim de guerra e principio de Paz é a de Estaline. Não sabemos nem pretendemos adivinhar se daí advirá bem ou mal para o mundo...

Apenas o que procuramos apontar é este por-nem simples e quasi banal — para chegarem a um conclusão vitoriosa da guerra todas as chamadas Nações Unidas tiveram de adoptar os sistemas de governo pessoal, hoje tão atacados durante os preparativos para as eleições britânicas.

E a grande verdade é para a simplesmente uma-se não fossem as figuras dinâmicas e esclarecidas de Churchill, Roosevelt e Estaline, teriam os Aliados ganho a guerra? A pergunta ai fica...

Porém, apesar das resoluções da Carta do Mundo, não parece de modo algum descabido pensar que se tal sistema estabeleceu o necessário equilibrio na facção vencedora durante um conflito de seis anos, na resolução dos problemas da Paz talvez essa mesma rivalidade associativa não viesse a ser contraproducente. Antes pelo contrário!

No entanto, assistimos a um espectáculo caricaturalmente curioso. Os Estados Unidos, perante a irresponsabilidade da morte do Inesquecível Franklin Roosevelt, vêm-se representados na Conferência de Yalta por um Presidente que, embora possa ser muito hábil e sabelido, será um incompetente comparado com o seu antecessor. Por seu turno, Churchill vai falar na reunião de Berlim numa situação em que nunca se viu antes, isto é, praticamente desautorizado em virtude de, nesse momento, ainda não serem conhecidos os resultados dos eleições.

Em consequência destes factos, verifica-se que só a Rússia, representada por Estaline, comparecerá, como sempre, cheia de força, de prestigio e de homogeneidade de opiniões concedida pela presença insustituível do mesmo representante. E isto leva-nos a atrever-nos a sugerir que, desta vez, os dois países anglo-saxónicos estão em franca inferioridade em relação ao outro protagonista... Se tal facto será bom ou mau para o mundo, repetimos, não nos compete apreciar. Como sempre, o futuro, grande mestre dos destinos, se encarregará de dar resposta a estas dúbidas.

Pósto isto, passamos a expor e a procurar explicar as causas dos pontos de vista britânicos, das desconfianças norte-americanas e das precauções russas.

OS PONTOS DE VISTA BRITANICOS

Todavia, apesar da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos não estarem nesta nova conferência com o a-vantagem com que estiveram nas outras, onde brilharão as excepcionais qualidades de Roosevelt e o temperamento inconfundível de Churchill, sem qualquer pelas condicionais, o bloco anglo-americano goza dos favores dum trunfo que, para todos os efeitos, tem um valor incalculável.

O ACONTECIMENTO N.º 1 DA ACTUALIDADE



AS PRECAUCOES RUSSAS

Realmente, pode dizer-se, com relativa convicção, que os interesses dos aliados occidentais são tão comuns e similares que, sejam quais forem os conflitos suscitados entre os dois países, é inconcebível que originem um conflito armado, pelo menos nestes tempos mais próximos.

Por outro lado, foi Churchill, em nome da Inglaterra, quem, na conferência de Teheio, primeiro tomou a responsabilidade da politica das esferas de influencia na resolução dos problemas respeitantes aos principais interessados. Ora, essa decisão foi tomada segundo as exigências da guerra, quando a necessidade militar irapunha, sem qualquer demoras, liberdade de acção nas respectivas esferas militares.

Em Yalta, este acôrdo foi modificado; mas, entrando, os acontecimentos posteriores, com os quais se pretendeu manter este principio, foram tão vastos e, até certo ponto, tão inesperados que a modificação não foi fácil de conseguir.

Era e é devido a esta desconfinça mútua que há tãnto na Grã-Bretanha como nos próprios Estados Unidos quem advoque clandestinamente a guerra contra a Rússia Soviética, ao ponto de se exigir em certos circuitos navais a fortificação das ilhas do Pacifico como se estivesse prestes a estalar um conflito com a U. R. S. S.

AS DESCONFIANÇAS NORTE-AMERICANAS

Institivamente ligadas pela afinidade racial e linguística, os norte-americanos têm, duma maneira geral, desde o inicio da guerra, seguido as pisadas da Grã-Bretanha, e quando isto não aconteceu deve-se precisamente o inverso: a Grã-Bretanha seguiu os Estados Unidos.

Assim intercalados, portanto, os problemas que preocupam estas duas potências identificam-se quasi inextrincavelmente.

Por esse motivo, em relação à Rússia, as desconfianças são comuns, porque a brusquidão e a irrevocabilidade das decisões soviéticas, tomadas sem consultas prévias, abalaram os anglo-saxões tão violentamente como os factos consumados da Alemanha hitleriana.

A questio polaca foi um exemplo desta attitude.

Não entanto, se as potências Occidentais têm estas razões para temer e desconfinar da Rússia, não há dúvida alguma que os soviéticos também apontam alguns motivos de queixa.

Partindo do principio que a União Soviética está a agir de boa fé, deve notar-se o seguinte: os russos são, por natureza, uns individuos misteriosos, incompreensíveis e complexos aos olhos dos occidentais e, presentemente, podem pretender apenas paz e segurança nacional, de modo a evitar um ataque ou uma mutilação de fronteiras no futuro.

Para este efeito, a Rússia deseja dominar determinadas esferas e aponta como exemplo desses direitos o facto dos britânicos terem manobrado com grande liberdade de movimentos na Balcica e na Grécia, da influencia britânica se exercer livremente também na Holanda e de todo o Mediterraneo ser considerado zona de influencia e de interesse da Grã-Bretanha.

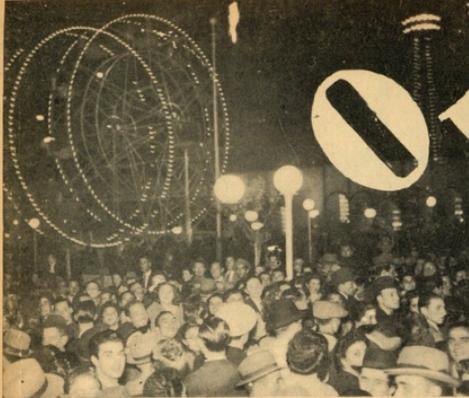
Por sua vez, pegando-se a um direito de igualdade que julgam justo e legal, os russos procuram conseguir o ganhar ascendente sobre as esferas de influencia dos países do oriente e sudeste da Europa e do Mar Negro.

E, pelo mesmo critério, consideram-se cheios de razão em todas as decisões referentes ao complicado caso de Lublin, à inclusão de Viena na esfera de interesses russos e à anexação do Estreito dos Dardanelos. E para se desculparem destes actos de força, os russos apenas se baseiam numa justificativa que, para eles, é mais do que sufficiente — a segurança e a integridade das fronteiras nacionais.

Porém, em relação aos outros povos interessados, pode ser que estes motivos, mesmo à base da boa fé politica soviética, não sejam actividade nem ideais como solução da futura Paz.

Por isso, quando Eisenhower afirma, perante o Congresso norte-americano, que os seus soldados esperam que os problemas da paz não sejam mais difíceis de solucionar do que os problemas da guerra que eles ganharam, formula uma hipótese anticipadamente aceite por toda a humanidade, com excepção, talvez, de alguma minoria que não é tão encarregada de demonstrar a tese deste leorema universal!

• POR JOSÉ CORREIA ARBEIRO •



PORTO

**NA FEIRA POPULAR
A GRANDE ATRACÇÃO DE LISBOA**

Impressão, surpreendente, como alto índice dos seus valores económicos, a representação do Porto na «Feira Popular» — a grande atracção de Lisboa na hora actual. As suas indústrias, das mais progressivas, e o seu comércio, do mais fiavel, têm no grande certame de Palácio um lugar de relevo que põe bem em destaque aos olhos de Portugal inteiro, o valor, o trabalho e a actividade da região mais laboriosa do país. O Porto, em melhor, o melhor, não podia faltar em acontecimento de tão ampla projecção. E não faltou, honrando-se a si — aos seus pergaminhos tradicionais da grande cidade do trabalho — e honrando a própria economia nacional. Resumidamente, convicções, a nossa merecida homenagem. Ela aqui fica através destas palavras e deste modesto documentário gráfico.



STAND da CASA TOMÁS CARDOSO
Rua Santa Catarina, 217 — PORTO — Tel. 546
Fábrica em VILA NOVA DE GAIA
Móveis metálicos — Cofres — Fogões — Camas
e obras em ferro para construções civis



STAND da GRANDE MARCA DE VINHOS «BORGES»
(Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão, L.^{da})



STAND da OFICINA DRAGÃO
53 — Rua Barão S. Cosme, 55 — PORTO
Telefone 4691

Enderço telegráfico REDES



STAND da FÁBRICA DE PRODUTOS «ESTRELA»
de ADERITO GOMES PARENTE

Rua Preciosa — Circunvalação — PORTO — Telefone 15459
Representante em Lisboa: F. RETORTA, L.^{da}
Travessa da Queimada, 28-1.^o — Telefone 2 5269
Máquinas, formas para forar botões, artigos de escritório



STAND da FABRICA DE ESTORES «SOLCRIS»
de BARBOSA & CARVALHO, L.^{da}

Rua José Falcão, 61 — PORTO — Telefone 5150
Agentes em todas as principais cidades do país
em LISBOA: Rua Zaire, 5, 3.^o-Esq.^o — Telefone 44444

CALHADA DA GLÓRIA

HISTORIA SINGULAR



A representação do livro português na última Fetra do Livro em Madrid despertou vivo interesse. Vale a pena contar um episódio que em Madrid se passou, a propósito da nossa representação e que tem singular pitoresco.

O vagão que conduzia os livros portugueses não chegou a Madrid com a devida pontualidade. António Maria Pereira, presidente do nosso Grémio dos Livreiros, e que, com o secretário do mesmo Grémio, Pedro de Andrade, se dedicara a Madrid, andava em dntias com o atrezo do vagão.

— Estou embarcado, palavra que estou muito embarcado... — dizia êle, aldis com muita convicção.

Mas começou a reparar que, quando dizia que estava embarcado, os espanhóis e, sobretudo, os espanhóis, riam a bom rir. «Que graça teria aquilo? Porque se ririam tanto as nossas hermanas?» — perguntava a si próprio António Maria Pereira, sem aitar com a resposta. E só mais tarde veio a saber que «embarcado em espanhol equivalia — a estar de esperanças»...



Quando Eça de Queiroz partiu para Havana foi embarcar a Cadiz. Instalou-se no melhor hotel que havia nesta cidade e, na primeira manhã, ao levantar-se, pediu um banho. Não havia banhos no hotel, mas bastaria atravessar a praça para encontrar um balneário. Não hesitou. Tal como estava, em cabelo, em chinélas, meio nu, mas de monóculo, segurando numa das mãos um sabonete e na outra uma esponja, meteu-se ao caminho, indifferente ao espanto e ao comentário dos transeuntes. No regresso ao banho, uma verdadeira multidão que entretanto se juntara para o ver passar, não conseguiu láo sonco ppr urhá-lo na sua olimpica e desdenhosa serenidade. Eça vinha fresco, alegre, de monóculo fatiscante, e brandido em triunfo a esponja e o sabonete no céu que cintilava. Durante semanas, meses, anos, não se falou em Cadiz doutra coisa. Muito tempo depois, já em Paris, o autor do «Primo Basilio» ao recordar êste episódio da sua mocidade a Xavier de Carvalho notava, com risosna mas inquebrantável convicção:

— O homem limpo para tomar um banho, pode cometer legitimamente tôda a espécie de porcaria — incluído a de atravessar nu a praça de Cadiz!

VERDADE PARA A HISTORIA



Contámos, há dias, nesta página, que Sousa Costa pedira, uma vez, ao director da Penitenciária que o deixasse passar a noite numa cela, e que o director lhe teria respondido:

— Deixo. Mas primeiro você tem de matar um homem...

Contemos agora como, na verdade, os factos se passaram. De facto, Sousa Costa esteve encarcerado na Penitenciária — a seu pedido. Passou a noite nas impressões calhadas que de pois foram incluídas no romance «Coração de mulher», onde uma das personagens é um preso politico. Nota curiosa: o director da Penitenciária ao encarcerar o romancista disse-lhe, com a sua autoridade:

— Satisfaço o seu pedido metendo-o na cela, com a condição de não matar ninguém quando o puser na rua...

Assim é que os factos se passaram

ESTE Cardoso Marta, poeta, erudito, bonacheirão, amante da boa mesa, cultor do eterno feminino, se tem nascido quando havia açúcar e frades, teria sido um médio e luzidio frade guloso de Alcobaca. Não temos dúvida alguma mesmo em dizer, através do que é possível conjecturar p. p. o. pre. nte, que a tonsura, o hábito de burel, a corda de nós à cinta e as sandálias nos pés de unhas seráficamente pintadas iriam à maravilha à gorducha configuração dêste possível Frei Marta do Meinio Jesus. E com que bemaventurança êle não daria a mão a beijar às raparigas que lhe pedissem a absolvição.

— Ego te absolvo ad peccatis nostris...

Mas os frades acabaram, e Cardoso Marta enfileira entre os cidadãos profanos, embora dedicando-se, sem burel e sandálias, à poesia, aos calhamaços, aos belos petiscos e ao amor divino como os bons frades doutras eras. Agora mesmo acaba de êste Frei Profano de escrever um livro de orações, mas em versos picantes, e que se lê em êxtase, a pensar-se no sétimo céu. — São «Ares da minha Graça!» — diz êle mordendo o beicinho. Mas por que a graça é muita, os ares são esplêndidos... Possível é que algumas pessoas graves se constipem com a frescura. Mas se espirram, Frei Marta lhes dirá em bom latim:

— Dominus tecum et cum espirro tuo!

FREI PROFANO



BACHO REPUBLICANO

A DELINO Mendes realizou, há pouco, na Casa do Ribatejo, uma admirável conferência (agora publicada em volume) em que nos deu uma das mais vivas e das mais coloridas agurales ribatejanas que conhecemos. Nessa conferência vem contado um episódio que convém registar.

Nos últimos tempos da monarquia os jornalistas que faziam serviço nas Côrtes resolveram oferecer um almoço ao então presidente da Câmara dos Deputados, pessoa amável, risosna, conciliadora e sempre disposta a facilitar a missão dos representantes do Estado. A certa altura do

almoço, quando dos garraões endemoinhados escorriam já as últimas gotadas, levantou-se um borborinho enorme na sala porque um dos confyvas, de pistola em punho, animado pelo belo tinto do Ribatejo, queria logo ali proclamar a República, e ameaçava de morte quem não cooperasse imediatamente naquele acto de tamanha transcendência histórica... Foi o diabo. Mas por êste episódio se mostra (que esplêndido subsídio Adelino Mendes trouxe à mitologia) que Bacho não é, ao contrário do que muita gente supõe, um Deus absoluto e autoritário proclamando as hegemonias através da sua opulenta taça de ouro; não é, ou pelo menos já foi, um audacioso propagandista republicano que não hesitou em chegar às últimas realidades para atingir o seu republicanismismo idealismo... Não sabemos qual é, neste momento, a cor politica de Bacho, se branca, se tinta, se vermeina, se roxa, mas podemos afirmar que, monárquico ou republicano, absolutista ou liberal, totalitário ou comunista, poucos chefes terião tão numerosos e convictos partidários, e feliz (quantos dizem!) do regime, carnívoro ou vegetariano, a que Bacho der o seu apoio!

CÁRICATURAS DE SANTANA
VINHETAS DE ROSAS E GONÇALVES

UM DESPORTO QUE ESTÁ EM MODA

24 HORAS

DE CAMPISMO



Uma família, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Uma família de Vila Rica, no Rio de Janeiro, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.

A SOMBRA DAS BELAS ARVORES DE SINTRA



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



Um grupo de pessoas a fazer o jantar, com o pai a fazer o jantar, e a mulher a lavar a roupa, enquanto os filhos brincam no jardim. A família é de Vila Rica, no Rio de Janeiro. O pai é engenheiro e a mãe é professora. Os filhos são de 10, 8 e 6 anos.



No hospital de S. José, e por iniciativa dos Hospitais Cívicos de Lisboa e em a colaboração do Instituto Britânico, inaugurou-se, há dias, um a magnífica exposição de medicina moderna inglesa. Presidida a sido inaugurada o Prof. sr. dr. Amorim Ferreira, seguindo-se a esta a exposição uma série de conferências de ordem científica, que estão a decorrer com o máximo de interesse.



No Caramulo — no Sanatório Central — os doentes do sr. dr. António Almeida Figueiredo, prestaram homenagem às suas altas qualidades de médico e de amigo, descrevendo uma fotografia na sala de leitura daquele Sanatório. A pequena mas expressiva sessão foi presidida pelo director da estância, e a homenagem associaram-se todos os médicos que ali prestam serviço.

¡Nervosos! ¡Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo



Os nervos, sempre molatados, tornam-se insuperáveis quando os nervos estão afetados



Quando os nervos estão irritados e movem a pessoa a reagir-se com violência



As preocupações e desgastes afetam o sistema nervoso produzindo estresse



Os nervos cansados são responsáveis da sua irritação e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Tome sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



Os desgastes tornam-se mais molatados devido aos resultados dos desgastes nervos



A enfermidade, a cansaço ou o abastimento podem causar-se abastecendo, internamente o sistema nervoso



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desalento



Quem tem vida forte não pode nem deixar condicionar os seus músculos a uma permanente inactividade



OATINE

Os célebres cremes ingleses OATINE SNOW e OATINE CREAM, de dia e de noite, de fama mundial, restauram e mantêm o encanto juvenil da pele.

Pó d'Arroz
Powder Base
Sobonetes
Creme de Barba
PERFUMES

A venda nas casas da especialidade



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 1500

Versalhes libertada

(Continuação da página 5)

guitador extraordinário; nem se mais que. Mas, o melhor de tudo foi quando os três mil homens se levantaram e Dinah cantou a *Marselhesa*. Não sei se ela falou a nossa língua, só sei que cantou o nosso hino nacional como se cada uma das palavras lhe fosse familiar. E os três mil homens por sua vez, cantaram, como um hino que respondia ao nosso, a *Marselhesa* da pátria deles. Nesse dia, ao crepúsculo (eram 8 horas da tarde), parece-me que azele furação de vozes frescas, aquela tempestade de canto, varria, arrastava todos os misturas, todas as tristezas, todas as humilhações que atrás de si deixara, naquele jardim, a passagem arrojada dos nossos vencedores, como o temporal de inverno arrastara, outrora, a bandeira deles: América, muito variado.

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL



«LAVANDE DOUBLES», PRODUTO DE BELEZA DA MAIS ALTA REPUTAÇÃO MUNDIAL. DEPOIS DO BANHO DA A PELE UMA MAGNIFICA SENSACAO DE FRESCURA. TORNA-A SETINOSA, LISA E REJUVENESCIDA, COMO PERFUMADA DAS MAIS CAPITOSAS FLORES.



de Semana a Semana

Na Escola Passos Carneiros inaugurou-se, há dias, uma exposição de trabalhos executados pelos seus 1.300 alunos, e que são compreendidos por objectos de serra-lharia, desenho artístico, de figura e ornamental, lacer-tes, costura e muitos outros que evidenciam a categoria do ensino ali ministrado. A exposição foi inaugurada pelo sr. general Carmoena, que se vê na foto com o director da Escola e outros visitantes.



O culto da flor parece ter revivido nos últimos anos em Portugal, com as magníficas exposições organizadas pelos organismos oficiais. Esta exposição de plantas inaugurada há dias pelo sr. Presidente da República na Tapada da Ajuda, é uma magnífica parada de beleza que muito engrandece o prestígio do Instituto de Agronomia e o nome de quem o dirige.



Como dizemos noutro lado, José Osório de Oliveira foi convidado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, a ir ali realizar uma série de conferências sobre literatura portuguesa. Na foto, vemos um aspecto da assistência ao banquete que, no Circulo Eça de Queiroz, o dr. Ribeiro Couto, encarregado de Negócios do Brasil, ofereceu a José Osório de Oliveira, na tépala da sua partida, no «Clippers».



Lelo Portela, um dos mais apreciados comentadores dos acontecimentos internacionais, fez, há dias, na Sociedade de Geografia, uma conferência que, pela categoria do conferencista e o assunto versado — «O esforço militar da França» — levou aquele organismo uma assistência numerosíssima. Lelo Portela, que foi brilhante e deu mostras, mais uma vez, do seu espírito comentador de factos, foi muito cumprimentado no final da sua conferência.



D. José Lázaro foi, há dias, no Museu das Janelas Verdes falar da «Influência que exerceram na civilização os coleccionistas de raça ibérica». O conferencista foi apresentado pelo Prof. Dr. Reginaldo dos Santos, sendo ambos longamente aplaudidos no final das suas comunicações. D. José Lázaro é um espírito erudito que fala com muito conhecimento dos assuntos versados e com um fino recorte literário.

FIRMA O SEGURO DOS
FILHOS. AQUELE QUE
FIRMA UMA APÓLICE
EDUCAÇÃO DA
IMPÉRIO



COMPANHIA
DE SEGUROS
RUA GARRET, 25
LISBOA

IMPÉRIO

As famosas
IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS
E CONDIMENTOS da casa

**CROSSE &
BLACKWELL**
ESTABELECEDA EM 1706

chegarão



com a PAZ

(Continuação da pág. 7)

outrora, a Câmara dos Representantes, é um panteão de estátuas históricas, oferecidas pelos Estados da União. O estado de Illinois enviou a estátua de uma mulher, Frances Willard, fundadora da sociedade de temperança que iniciou o movimento que levou à lei seca.

Esta galeria de figuras de pedra tem mais valor histórico do que beleza.

As salas de leitura da "Biblioteca do Congresso, donde parte uma grande escadaria, é inteiramente construída com mármore e ouro. Colunas, lampadarias, estátuas de figuras históricas, bustos, quadros frescos, formam um conjunto de motivos muito diversos onde a intenção vale mais do que a execução.

O visitante tem, entretanto, a idéia dum esplêndida homenagem feita pela grande República às letras, às ciências ou ao Direito, sobre o qual repousa o edifício da Constituição. A Biblioteca possui 5 milhões de volumes, 100.000 manuscritos, 100.000 cartas e 200.000 estampas.

O estilo grego e o estilo renascença dominam nos edifícios públicos que formam a imponente armadura oficial da cidade. Entre os principais museus podemos citar: o "Museu Nacional", que é consagrado a tudo o que diz respeito aos costumes dos índios, contendo ainda as salas de biologia e geologia; o "Museu das Artes Plásticas", que tem salas de arte americana e algumas obras-primas de artistas estrangeiros, sendo uma sala consagrada ao escultor francês Barthe.

O "Pennsylvania State House", situado no Capitólio à Casa Branca, residência do Presidente. Foi Washington que a fez construir em estilo colonial, com um portão gótico no lado norte, uma galeria circular com colunas gregas na parte sul e tendo à direita as salas de Leslie e Oeste terraços elevados em cunhamas.

A harmonia das proporções impressiona o visitante apesar da sua extensão. O jardim do monumento de pintura branca. A vercura dos belos jardins adoca o excesso deste aspecto.

Diante do palácio abre-se a Lafayette Square com duas belas estátuas de Lafayette e de Rochambeau.

A cidade de Washington, até 1880, parecia ser muito vasta para os edifícios que continha. No século XX, graças aos grandes hotéis e aos palácios das embaixadas que ali se construíram, ela tornou-se, em toda a sua plenitude, a majestosa cidade que Lenfant concebera.

Atravessado o Potomac, chega-se ao "Cemitério Nacional de Arlington, criado para receber os túmulos dos soldados mortos pela Pátria durante a Guerra civil.

Um grande mausoléu, elevado num pedestal, cobre o lugar onde ficaram sepultados os Mortos Desconhecidos.

Um vasto anfiteatro, precedido por um pórtico grego e rodeado por colunas, realiza-se ao realizam as cerimônias comemorativas.

Depois de 1914, um monumento aos Mortos Conhecidos, dedicado aos soldados do Sul mortos pela causa que supunham justa, significa que toda animosidade desapareceu entre os dois partidos.

Credo que todos conhecem a importante ilha que os Estados do Sul e do Norte mantiveram. Ela foi deixada ao desejo que os Estados do Sul não concordavam com este ponto de vista e daí resultou a luta vitoriosa para aqueles que defendiam a liberdade humana, sem preconceitos de cor.

Nos arredores da capital, no vale do Potomac, no território do Estado de Virgínia, encontra-se Mount Vernon, a residência que Washington comprou ao irmão.

Viveu com a esposa antes da Guerra da Independência e aí voltou para acabar os seus dias na simplicidade e no recolhimento, depois da sua segunda presidência, em 1796.

Esta residência é hoje considerada propriedade nacional. O túmulo de Washington e da esposa estão situados no jardim. Já o seu chefe de família morreu em 1846, vítima de um acidente de caça. Foi o primeiro presidente que abandonou o Locarno bruceamente, apareceu e anunciou a sua decisão de abandonar o serviço britânico de maneira brusca, apareceu e apareceu — passou a ter uma vida normal e renunciar a uma profissão que não julgava digna de si.

Como o chefe de família não queria levá-lo por diante o seu desejo, Ela desatou a soltar e exclamou:

— "Trá vinte homens na minha vida, mas este não o traírei: amo-o."

O chefe tinha compreendido. Não insistiu e ficou acender de boa vontade ao desejo da sua agente. Tinha, porém, já um novo plano... porque o Inteli-

gência service tem os braços compridos e um sacco com mil recursos.

Contente-se com pouco; pediu a Emma Stubert que ficasse em Londres durante algum tempo, a pretexto de arrumar velhos assuntos, entendendo-se que ficaria com liberdade de voltar à Suíça logo que tudo estivesse em ordem.

Assim passaram nove semanas, no fim das quais, Emma, livre de qualquer compromisso, pediu, novamente, ao encontro do seu belo oficial. Uma dolorosa surpresa a esperava, porém, em Locarno, onde na própria rua, em casa de um amigo, viu que o rival a tinha suplantado no coração do Inconstante.

Teria suspetado do ardil dos seus chefes londrinos? Teria percebido dentro viera essa rival, mas não se importava com isso, pois, mais tarde, tomaria um lugar de primeiro plano nos anais da espiagem?

Historiador não se importa sobre este último ponto, mas o facto é que, pouco depois, Emma solicitava a sua readmissão no Serviço Secreto Britânico, onde o seu chefe, depois de alguma amarga decepção, ficou depois à prova de tudo.

Quando adquirido, pelo estudo e pela experiência, uma notável competência militar, que levou a Inglaterra a confiar-lhe importantes postos na guerra de 1870, foi enviado à França, onde, na vida privada, depois do tratado de Paris e tomou a direcção da sua propriedade.

Quando a guerra se iniciou a Intransigência da Inglaterra revoltaram as colônias da América contra a autoridade da metrópole. Washington aceitou a nomeação de generalíssimo que o Congresso lhe ofereceu, mas sem orgulho. As suas grandes qualidades guerreiras entusiasmaram os soldados que, depois de algumas derrotas e tendo a ajudados os voluntários franceses, obrigaram a Inglaterra a fazer a paz, reconhecendo a independência das antigas colônias.

Rodeado pela admiração e pela gratidão nacional, o general Washington não aspirava senão ao repouso obscuro e à paz do lar. Foi por um voto unânime do Congresso para o tirar da soldado de Mount Vernon e elevá-lo à presidência. Escolheu os seus colaboradores entre os homens do partido "federalista", resolveu a fortalecer o governo central e a dar às treze colônias, que a guerra sómente tinha aproximado, o espírito de cooperação que devia fazer a unidade nacional.

Não aos fastos Jefferson, seu adversário político, cujo grande papel durante a Revolução e o generoso idealismo democrático mereciam um lugar na história.

Pelo contrário, para adulvir uma experiência política que mais tarde, quando teve a honra de ser eleito presidente, pôde aplicar ao seu temperamento.

Em 1800, percebeu que os americanos lhe dessem o nome de "pai da Constituição". Tal foi o homem cujo nome os yankees escolheram para o seu país.

A cidade de Washington é também um centro científico. A "Smithsonian Institution, fundação privada, consagrada às ciências naturais e às antiguidades indianas. Contém uma biblioteca, coleções, um museu indio e data de 1820.

É também importante a "Carnegie Institution of Washington", destinada a substituir um certo número de siblos de todos os ramos de ciência, compreendendo também história e história literária. A seção de astronomia tem um observatório no Monte Wilson (Califórnia), que possui o famoso telescópio Hooker.

As observações feitas nunca são interrompidas graças ao sistema de segurança que o grande telescópio permitiu descobrir estréias que os mais potentes aparelhos não conseguiam alcançar. Foi graças a estes estudos que muitas estréias simples eram, na realidade, duplas.

Um outro observatório do mesmo Instituto, na Argentina, foi dedicado à astronomia.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

Por exemplo: um engenheiro escreveu um romance. Perante o sucesso alcançado, deixou a sua carreira para se tornar escritor; um professor dum Universidade deixou o cátedra para se dedicar à agricultura, etc.

Um homem descansa, mesmo na idade em que os outros homens abandonam as suas actividades. O seu ideal é o de não se deter e quando as suas forças não lhe abem conciliar a satisfação de "morrer de bem".

Dizesse, noutro capítulo, que as mulheres americanas embebiam-se de trabalho doméstico e do seu curso, que em obras sociais, educativas, etc. Da afirmação feita, seria lógico deduzir que o lar é abandonado. Isto, porém, não acontece.

Se há mulheres mudanas, mulheres que se absorvem na sua função de presidente, tesoureiro, etc. Também há as que abem conciliar as ocupações úteis à sociedade com os seus deveres de mães família e donas de casa. Mas elas não se dão escaras do lar.

Na pequena burguesia, o marido não se despreza pelo facto de ajudar a esposa nos trabalhos domésticos. Tem-se falado, por vezes, na crise das criadas, na América. Esta crise fêz-se sentir, principalmente, a partir de 1900. Vejamos o que uma criada americana pretende: 60 dólares mensais, bem alimentadas e vestidas, 2 meios-dias livres por semana, 15 dias de férias por ano, etc. Deixado a isto, a maioria das mulheres encarram-se, às próprias, do serviço doméstico e, por este facto, dá-se, muitas vezes, que na América se dá a vida. Quando há vistas, uma mulher de serviços suplementares serve o jantar preparado pela dona de casa, e estas refeições têm tanto de distinto como de cordial.

Tem-se observado que as americanas dessem o nome de "pai da Constituição". Tal foi o homem cujo nome os yankees escolheram para o seu país.

A cidade de Washington é também um centro científico. A "Smithsonian Institution, fundação privada, consagrada às ciências naturais e às antiguidades indianas. Contém uma biblioteca, coleções, um museu indio e data de 1820.

É também importante a "Carnegie Institution of Washington", destinada a substituir um certo número de siblos de todos os ramos de ciência, compreendendo também história e história literária. A seção de astronomia tem um observatório no Monte Wilson (Califórnia), que possui o famoso telescópio Hooker.

As observações feitas nunca são interrompidas graças ao sistema de segurança que o grande telescópio permitiu descobrir estréias que os mais potentes aparelhos não conseguiam alcançar. Foi graças a estes estudos que muitas estréias simples eram, na realidade, duplas.

Um outro observatório do mesmo Instituto, na Argentina, foi dedicado à astronomia.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

Espões e Guerra

(Continuação da página 16)

Éma, um jógo clássico... Quíze dias depois de ter tomado contacto com o seu novo conhecimento, já tinha com ele a maior parte do seu chefe de Londres se felicitava pelo éxito, que considerava infalível. Uma manhã, porém, Éma, que abandonara o Locarno bruceamente, apareceu e anunciou a sua decisão de abandonar o serviço britânico de maneira brusca, apareceu e apareceu — passou a ter uma vida normal e renunciar a uma profissão que não julgava digna de si.

Como o chefe de família não queria levá-lo por diante o seu desejo, Ela desatou a soltar e exclamou:

— "Trá vinte homens na minha vida, mas este não o traírei: amo-o."

O chefe tinha compreendido. Não insistiu e ficou acender de boa vontade ao desejo da sua agente. Tinha, porém, já um novo plano... porque o Inteli-

gência service tem os braços compridos e um sacco com mil recursos.

Contente-se com pouco; pediu a Emma Stubert que ficasse em Londres durante algum tempo, a pretexto de arrumar velhos assuntos, entendendo-se que ficaria com liberdade de voltar à Suíça logo que tudo estivesse em ordem.

Assim passaram nove semanas, no fim das quais, Emma, livre de qualquer compromisso, pediu, novamente, ao encontro do seu belo oficial. Uma dolorosa surpresa a esperava, porém, em Locarno, onde na própria rua, em casa de um amigo, viu que o rival a tinha suplantado no coração do Inconstante.

Teria suspetado do ardil dos seus chefes londrinos? Teria percebido dentro viera essa rival, mas não se importava com isso, pois, mais tarde, tomaria um lugar de primeiro plano nos anais da espiagem?

Historiador não se importa sobre este último ponto, mas o facto é que, pouco depois, Emma solicitava a sua readmissão no Serviço Secreto Britânico, onde o seu chefe, depois de alguma amarga decepção, ficou depois à prova de tudo.

Por exemplo: um engenheiro escreveu um romance. Perante o sucesso alcançado, deixou a sua carreira para se tornar escritor; um professor dum Universidade deixou o cátedra para se dedicar à agricultura, etc.

Um homem descansa, mesmo na idade em que os outros homens abandonam as suas actividades. O seu ideal é o de não se deter e quando as suas forças não lhe abem conciliar a satisfação de "morrer de bem".

Dizesse, noutro capítulo, que as mulheres americanas embebiam-se de trabalho doméstico e do seu curso, que em obras sociais, educativas, etc. Da afirmação feita, seria lógico deduzir que o lar é abandonado. Isto, porém, não acontece.

Se há mulheres mudanas, mulheres que se absorvem na sua função de presidente, tesoureiro, etc. Também há as que abem conciliar as ocupações úteis à sociedade com os seus deveres de mães família e donas de casa. Mas elas não se dão escaras do lar.

Na pequena burguesia, o marido não se despreza pelo facto de ajudar a esposa nos trabalhos domésticos. Tem-se falado, por vezes, na crise das criadas, na América. Esta crise fêz-se sentir, principalmente, a partir de 1900. Vejamos o que uma criada americana pretende: 60 dólares mensais, bem alimentadas e vestidas, 2 meios-dias livres por semana, 15 dias de férias por ano, etc. Deixado a isto, a maioria das mulheres encarram-se, às próprias, do serviço doméstico e, por este facto, dá-se, muitas vezes, que na América se dá a vida. Quando há vistas, uma mulher de serviços suplementares serve o jantar preparado pela dona de casa, e estas refeições têm tanto de distinto como de cordial.

Tem-se observado que as americanas dessem o nome de "pai da Constituição". Tal foi o homem cujo nome os yankees escolheram para o seu país.

A cidade de Washington é também um centro científico. A "Smithsonian Institution, fundação privada, consagrada às ciências naturais e às antiguidades indianas. Contém uma biblioteca, coleções, um museu indio e data de 1820.

É também importante a "Carnegie Institution of Washington", destinada a substituir um certo número de siblos de todos os ramos de ciência, compreendendo também história e história literária. A seção de astronomia tem um observatório no Monte Wilson (Califórnia), que possui o famoso telescópio Hooker.

As observações feitas nunca são interrompidas graças ao sistema de segurança que o grande telescópio permitiu descobrir estréias que os mais potentes aparelhos não conseguiam alcançar. Foi graças a estes estudos que muitas estréias simples eram, na realidade, duplas.

Um outro observatório do mesmo Instituto, na Argentina, foi dedicado à astronomia.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

O Instituto foi ainda aumentado com laboratório eugénico que estuda as melhores condições de desenvolvimento da espécie humana.

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO

 R. DO MANHÃS, LARANJEIROS, 12 - PORTO

EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO POR

I.—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE.
II.—A ESPIONAGEM PIRANTE E MORAL.
III.—EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM.
IV.—ARMAS SECRETAS. V.—TINTA SIMPÁTICA. VI.—MULLER, O DANDY ROWLAND.
VII.—ESPÍOIA POR AMOR. VIII.—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. IX.—SERVILHAS E PEQUENOS ANÚNCIOS. X.—A MASCISA E A PINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONAGEM. XI.—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. XII.—O ESPÍOIA CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XIII.—AS SERRIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XIV.—HISTÓRIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM. XV.—O DUPLO ESPÍOIA. XVI.—MARTA RICHER, A SERRA FRANCESA. XVII.—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVIII.—MATA-HARI FOI PREVENIDA DAS VEZES. XIX.—FRITZLIN DOCTOR, PROFESSOR DE ESPIONAGEM.

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

Um dos axiomas da célebre Fritzein Doktor, da qual falaremos em breve, e que nos anula da espionagem de guerra ocupa um lugar ímpar pelos métodos de rigor que ela lhe trouxe, era que o agente feminino procura atingir o coração, mas o coração há de ter o seu próprio fracasso.

Os agentes femininos que, à sua custa, e principalmente à custa das potências para as quais trabalhavam, fizeram a experiência desta verdade são inúmeros. Entre eles, a aventura amorosa de Ema Stubert é típica, embora, como vamos recordar nas conspícuas desastrosas que a sua fraqueza podia ter tido para o Serviço Britânico, ao qual estava adida, tivessem sido neutralizadas graças à pronta e hábil manobra do mesmo Serviço.

Um dos biógrafos de Ema Stubert, em especial Robert Boucard, que lhe consagrou uma obra muito pormenorizada da qual extrairmos certas das suas histórias de acordo do que escrevermos aqui como criatura de extrínseco, de felizes delicias, oltar fascinante, voo encantadora. Numa palavra: uma seria completa que alcança inúmeras vitórias sobre o sexo forte e sobre a sua vaidade, perpetuo calcanhar de Aquiles da gente masculina. Todas as missões da carreira de Ema Stubert foram cumpridas sob a aparência de uma grande senhora, de nascimento aristocrático, que viajava pelo mundo apenas por prazer.

«Provocando em sua volta as mais loucas palmas — escreveu Boucard — parecia representar, com uma inconsciência ou cínica desenvoltura, dramas desencadeados pelo atractivo irresistível do seu sorriso e pela magra feiticeira do seu olhar.

Vienneuse de nascimento, dotada de viva inteligência e de elevada cultura, falando seis línguas, nos princípios da guerra de 1914, andava pelos palácios de Aix-les-Bains, de Biarritz e de Monte-Carlo em companhia de uma autêntica princesa austríaca que talvez nunca tivesse suspeitado do duplo jogo da sua amiga.

Esse duplo jogo fazia Ema Stubert em benefício do *Intelligence Service*. Por que motivo, apesar da sua origem austríaca, se teria ela pôsto ao serviço dos Aliados? Devemos confessar que não conseguimos esclarecer este ponto, sobre o qual, aliás, nenhuma das suas biografias dá pormenores. O dinheiro? A sua fortuna pessoal era suficiente para evitar que essa preocupação existisse. Muito original figura de espia, discutia Nietzsche, Hoekel e Darwin (os seus autores favoritos, dizia ela), e servia ao seu chefe britânico que sa terra é o Jardim de Deus a que os homens puseram muros cuja matéria, artificial, não vem pôsto as suas paixões e a sua estupidiz não lhe deixam ver».

Como tinha uma indiferença total — para não dizer total desprezo — por isso a que ela chamava a conservação das pátrias podemos, sem dúvida, conjecturar que, se ela se colocou de bomamente, tão espontaneamente, ao serviço dos inimigos do seu país, foi por capricho da sua alma singular, estranhamente dominada pelo prazer, risco e pela sede de aventuras.

«Fosse como fosse, o facto é éste: Ema Stubert, servida no exercício das suas missões por uma inteligência invulgar (inteligência demoníaca), exceção um dos seus detractores, e por um poder de sedução (e poder de feitiçaria) de primeiro autor, com poucos exemplos na história da espionagem, prestou à causa dos Aliados uma série de extraordinários serviços que lhe fizeram a reputação de espia de grande categoria.

Uma das suas mais brilhantes realizações — para citar apenas esta — foi o chamado caso do «Merdador de Corfu». Vamos contá-lo em poucas palavras.

Deve o leitor lembrar-se de que no ancoradouro desta ilha do Adriático, famosa pela sua luxuriante vegetação e pela doçura do seu clima, tinham os Aliados uma poderosa esquadra, destinada a blo-

quear a esquadra austríaca e a impedir-lhe de qual quer tentativa de saída para o Mediterrâneo. Ora, os austríacos, dada a necessidade que tinham de conhecer a força naval que lhes barrava o caminho, tinham criado na ilha um serviço de informações que os tinha ao corrente dos movimentos da esquadra.

Como trabalhava esse serviço? A que estratagemas tinha recorrido para conseguir as suas transmissões clandestinas? Quem o dirigia?

Durante muitos meses, os Aliados multiplicaram as suas investigações sem conseguirem a menor descoberta. Em vão submeteram o correio às mais minuciosas investigações, em vão foi proibido a toda a gente sair da ilha sem salvo-conduto. Por fim, o *Intelligence Service* teve uma inspiração: mandar para a ilha a subtil e sagaz viennense.

Menos de três semanas depois do seu desembarque em Corfu, Ema Stubert, guiada por um furo prodigioso, servida pelos seus dotes de sedução, linha, enfeitado e confessado um opulento negociante de tabaco, que era simplesmente o chefe do serviço clandestino de informações do inimigo. O homem tinha um código banal: um catálogo, e os seus comunicados eram boletins de encomenda dirigidos a uma casa de Atenas, que os transmitia ao alimentadouro austríaco através da Bulgária. Nestes inofensivos boletins de encomenda os grandes charutos (n.º 1) representavam os contrabandistas; os outros charutos (n.º 2) representavam cruzadores-couraçados; os médios (n.º 3) eram os cruzadores ligeiros; e os pequenos (n.º 4) os contra-torpedeiros. Os cigarros (n.º 5) designavam os submarinos.

Neste código, tão simples como engenhoso, os

zeros não contavam, deviam ser eliminados pelo destinatário. Assim, uma encomenda que dissesse: «Mande no próximo navio 800 havanos n.º 2, 800 charutos n.º 3 e 1.200 n.º 4», significava: «Estão actualmente no ancoradouro de Corfu 8 cruzadores-couraçados, 9 cruzadores ligeiros e 12 torpedeiros». Quando o negociante de tabaco dizia: «Mande 200 charutos n.º 3 em anel», queria dizer: «Temos no pórtico dois cruzadores ligeiros em reparação».

Ema revelou ainda outros sinais convencionais para indicar a partida ou a chegada dos transportes de tropas e de material, os hidro-aviões, etc. Depois de cumprida a sua missão, saiu da ilha enquanto as autoridades aliadas se escarregavam de fazer perder, definitivamente, o gosto do tabaco à imprudente vítima da sua sedução.

Entretanto, sucedeu, como dissemos, que a felicidade profissional foi conquistada por aquêle que supunha conquistar. Por sua vez, conheceu aquela lei do coração de que se servia com tão terrível crueldade.

A aventura passou-se no território neutro da Sulça, onde Ema estava com a missão de tomar contacto com um moço oficial do Estado-Maior alemão, do qual se suspeitava que estivesse na posse de documentos respeitantes à organização da contra-espionagem inimiga. Era preciso roubar-lhe esses documentos ou, pelo menos, obter uma cópia deles.

«Fosse no caminho do oficial, que residia em certo hotel de Locarno, chamou-lhe a atenção, provocou-lhe os galanteios, tudo isso foi,

(Continua na pág. 16)



Um recanto de Locarno, onde Ema Stubert viveu o seu romance com um jovem oficial alemão



O governador geral Boisson, à direita, fotografado em Vichy. Acompanha-o o general Deniz, que defendia a Alirante da infra-estrutura dos anglo-alemães.

DURANTE o dia 9 de Novembro, as tropas americanas desembarcadas nas proximidades de Oran decidiram-se, finalmente, a investigar a cidade. Ao mesmo tempo começavam a chegar àquela póvoa numerosos submarinos britânicos que tinham por missão pôr termo à resistência dos navios de guerra franceses. Nessa manhã, o aeródromo de Lausena pôde ser ocupado e utilizado pelas forças de desembarque e, simultaneamente, os americanos puderam começar a desembarcar material pesado e artilharia.

Depois de realizadas estas operações preliminares, o comando aliado assentou em que o ataque final à cidade se realizaria na manhã do dia seguinte, 10 de Novembro, devendo tomar parte nele, além de forças blindadas, relativamente poderosas, importantes destacamentos de infantaria norte-americana. A luta iniciou-se às primeiras horas da manhã do dia 10, e pouco depois, os comandantes militar e naval da cidade, respectivamente general Boisson e almirante Rioult, enviaram um emissário ao comandante das forças americanas, general Fredendahl, pedindo-lhe a suspensão das hostilidades. Entre aqueles chefes militares foi rapidamente concluído uma trégua e assinado um armistício, depois do que as forças americanas desembarcadas penetraram na cidade ocupada.

Em Oran encontravam-se os membros das missões militares do Eixo, os quais foram feitos imediatamente prisioneiros. Na noite de 10, o Quartel General de Eisenhower anunciava o termo favorável das operações e acrescentava que, aquela hora, estavam a desembarcar no Norte de África, em pontos não especificados, contingentes de tropas britânicas que se destinavam a cooperar estreitamente com o exército norte-americano.

O comandante-chefe aliado referia-se em termos muito elogiosos à atitude da população local e louvava fraternalmente os habitantes que, pelo acolhimento caloroso que tinham reservado às tropas desembarcadas. Nessa noite o general Eisenhower pôde afirmar que estava concluída a parte mais importante da tarefa que lhe fora cometida. A resistência

em Marrocos fora dominada, a ocupação de Argel fizera-se com extrema facilidade e Oran caiu na posse dos americanos ao fim de poucas horas de luta.

O ALMIRANTE DARLAN APARECE NO NORTE DE AFRICA

Os espíritos estavam ainda mal repletos das surpresas que o dia 10 de Novembro lhes reservara, quando, no dia 11, o mundo foi despertado por uma notícia verdadeiramente sensacional, dimanada do Quartel General Aliado no Norte de África. Essa notícia consistia de um comunicado oficial do general Eisenhower no qual se fazia a seguinte revelação: «O almirante Darlan deu ordem a todos os chefes militares franceses em funções no Norte de África, incluindo aqueles que estavam a combater em Marrocos, para cessarem imediatamente as hostilidades.

A ordem foi dada em seguida a uma conferência que com o almirante Darlan teve o adjunto do comandante-chefe das forças americanas, general Mark Clark. As forças do exército francês que combatiam na zona de Casablanca capitularam. A população de Oran saudou efusivamente as tropas americanas desembarcadas. Foram dadas instruções para que as autoridades francesas continuem no desempenho dos seus cargos.

O general Fredendahl determinou que as forças que se opuseram ao desembarque em Oran para cumprir ordens recebidas fossem tratadas com benevolência de acordo com a orientação do comandante-chefe.

Este comunicado do general Eisenhower revestiu-se dum importância histórica. Dêle constavam efectivamente três afirmações da maior importância e gravidade. A primeira era que as hostilidades tinham cessado completamente no Norte de África, por virtude dum acordo a que franceses e americanos tinham chegado. A segunda era que a direcção política e militar na África do Norte francesa fora assumida pelo almirante Darlan, pois doutra forma se não compreendia que este tivesse dado ordem para cessar fogo e que essa ordem fosse cumprida. Por

último, era evidente que entre o almirante Darlan, antigo chefe do Governo de Vichy, que advogava a colaboração e o Relech, e os chefes militares americanos se estabelecerá uma perfeita colaboração.

A PRIMEIRA PROCLAMAÇÃO DO ALMIRANTE

Para que não houvesse dúvidas sobre a forma por que estava exercendo a sua autoridade e esta estava a ser acatada pelas autoridades civis e militares do Norte de África, o almirante Darlan fez publicar a sua primeira proclamação da qual constavam estas passagens: «Tendo cumprido os nossos compromissos e havendo razão para continuar o derramamento de sangue ordeno a todas as forças da terra, mar e ar que encontram no Norte de África que deixem de combater as tropas americanas e as de seus aliados. Em cumprimento desta determinação, aquelas forças devem cessar qualquer resistência regressando imediatamente aos seus quartéis. Os comandantes militares de Argélia e de Marrocos estabelecerão imediatamente contacto com os chefes militares americanos que dirigem as operações naquelas locais a fim de se pôr um termo imediato às hostilidades. Em nome do marechal Pétain, assumo a direcção de todos os assuntos na África do Norte francesa. Os oficiais devem conservar os seus comandos e as autoridades civis devem manter-se nos seus postos. Contra esta determinação de carácter geral, nenhuma alteração poderá ser feita sem expressa ordem minha.»

Qual era a verdadeira posição de Darlan, no meio dos acontecimentos sensacionais que estavam a desenvolver-se no Norte de África, quais os poderes de que ele dispunha e quais os objectivos que tinha em vista, ao entrar em contacto com os chefes militares norte-americanos e ao enviar a sua proclamação, não é possível pouco tempo antes, fora anunciada a presença do almirante Darlan no Norte de África. Mas essa presença era justificada por uma visita de inspecção feita em nome do marechal Pétain, precisamente para inspecionar as unidades militares ali aquarteladas e para inquirir das condições em que elas eventualmente poderiam resistir a qualquer ataque dos ingleses ou americanos. O almirante fora afastado do poder e obrigado a ceder o seu lugar, seis meses antes, ao seu mais irreduzível adversário, Pierre Laval.

AS RAZÕES QUE JUSTIFICARAM O PROCEDIMENTO DE DARLAN

Esta circunstância não deixou, certamente, de exercer no espírito do almirante Darlan uma profunda impressão. Darlan fora sempre, muito mais do que Laval, uma pessoa de inteira confiança do marechal Pétain. Laval fora escolhido para chefiar o primeiro Governo, que se seguiu à conclusão da armistício, a fim de dar satisfação às pressões das autorida-



des de ocupação e, sobretudo, à vontade do embaixador Otto Abetz.

Mas o marechal pensara sempre que Darlan era o homem que mais lhe convinha para a realização dos seus projectos. Na primeira oportunidade que se lhe ofereceu, em Dezembro de 1940, o marechal apontou Laval ao poder e, pouco tempo depois, em Fevereiro de 1941, designava Darlan para o substituir. Este último assumiu a chefia do Governo que conservou até Abril de 1942, data em que as imposições alemãs se fizeram sentir e Laval voltou a ocupar aquele posto. Darlan ficara como símbolo dum política designada pelo nome de «ententismo», a qual podia resumir-se assim: conterporizar com os alemães, recusando a estes apenas o que fosse indispensável para que eles não enveredassem pelo caminho franco das represálias e aguardando que a evolução dos acontecimentos permitisse à França, a qual ainda dispunha no seu Jogo de algumas cartas valiosas, voltar a desempenhar um papel de relevo na política internacional. Para Laval, este objectivo só podia ser alcançado por uma estreita colaboração com os alemães. Para Darlan a decisão final dependia do valor e da importância da participação americana na segunda configuração mundial. Embora as aparências indicassem ao marechal Pétain, Pierre Laval e o almirante Darlan, irmanando-os no mesmo propósito de fazer o Jogo dos vencedores do seu país, a verdade é que entre a atitude daqueles dirigentes franceses se tinham estabelecido graduações que os acontecimentos posteriores haviam de avolumar acabando por os tornar irreconciliáveis.

(Continua)

O major-general Lloyd Fredendahl

EVOCÇÕES DE HÁ 60 ANOS



O "LEÃO DE OURO" E A MORTE DE VICTOR HUGO

DESTE ano de 1885 regista apenas mais dois factos, dispartadamente díspares, mas que tiveram para mim, pela vida fora, grande preponderância. A 16 de Abril inaugurou-se em Lisboa, na Rua do Príncipe, hoje 1.º de Dezembro, a «Cervejaria Leão de Ouro». A 22 de Maio, faleceu, em Paris, Victor Hugo. Por que cito eu estes dois factos referentes ao ano de 1885, em que nasci?

Quanto ao primeiro porque, vinte anos depois, já a cervejaria, transformada em restaurante, era seu frequentador permanente, e ainda hoje o sou, quarenta anos passados sobre o primeiro dia de lá entrei. E revoltou-me hoje indignadamente contra o facto de nas suas paredes já não figurarem os famosos quadros do «Grupo do Leão», que lhe deram nome e fama. Há direitos de propriedade que eu respeito perante a lei, mas contra os quais me insurjo em nome do património da Nação. Esses quadros pertenciam à cidade mais do que ao seu proprietário. Ali, não havia dinheiro que os pagasse. Fora daquelas paredes, valem o que valem quadros que um nome ilustre subscreve. Eu ia ao «Leão de Ouro» mais pelos quadros do que pelo restaurante. Hoje, quando lá vou e vejo as paredes nuas, sinto cá dentro uma revolta que não perdôa, uma revolta que me obriga a pensar, quer queira quer não, na falta desses quadros, o cartaz mais belo duma época e duma geração que foi grande em todas as suas manifestações e nos deixou uma galeria de valores que as gerações que lhe sucederam, até agora não conseguiram igualar.

Nenhum restaurante da Lisboa de

ontem ou da Lisboa de hoje, se pode orgulhar de ter tido nas suas mesas o que esse desaparecido «Leão de Ouro» dos quadros célebres do seu «Grupo», teve durante quasi meio século! Por ali passaram os nomes mais célebres das nossas letras, das nossas artes, da nossa política. Dêle foram comensais Camilo, Junqueiro, Fialho, Ramalho Ortigão, Abel Botelho, Alfredo de Mesquita, Júlio de Castilho, Alberto Pimentel, Anselmo Braamcamp, Cesário Verde, Dantas Baracho, Gomes Leal, e de 1910 para cá, quasi todos os nossos homens públicos de assinalado renome.

Ai tinha seu poiso predilecto Saadara Cabral. Nêle se reünia, com a sua tertúlia, o grande jornalista Amadeu de Freitas, pai. No velho «Leão de Ouro» almoçava, quasi permanentemente, o Governador do Banco de Portugal, Inocêncio, Camacho.

As recordações do velho «Leão de Ouro» davam um volume de muitas páginas. Depois veio a decadência, os quadros desapareceram e a casa foi passada. Os que lá vão hoje, e o não conheceram no seu período áureo, não estranham a mudança. Aquelas paredes nuas, iguais a todas as outras, não lhe dizem nada. Não lhe evocam nenhum passado. A segunda sala, que era a mais recatada, é hoje um «bar». Nunca lá entrei, depois da modificação.

Quanto ao segundo facto, é simples a razão por que o evoco. Eu nasci numa aldeia humilde do concelho de Mafra — a Murgueira. Três dúzias de casas e os muros altos da Real Tapada. Em casa de meu

avô havia duas revistas: *A Ilustração*, do Mariano Pina, e o *Ocidente*, do Gervásio Lobato e Brito Rebêlo, que fizeram o encanto da minha meninice... para ver os bonocos. Ora o número de Junho de 1885 era dedicado à morte de Victor Hugo, e aquêlê simpático velho de barbas brancas, larga testa, olhar profundo e expressivo, cabeleira revolta, seduzia os meus olhos de criança. Aos cinco anos foi numa destas revistas que eu comeci decifrando as letras que compunham o nome do genial autor dos *Châtiments*.

Posso dizer que foi Victor Hugo quem me ensinou a ler! E quando tinha dez anos o primeiro grande livro que li foi *Nossa Senhora de*

Paris, do ditino Hugo. Mais tarde, ai por alturas dos meus quinze anos, li-lhe a obra quasi toda. E a minha adoração pelo Mestre perdurou em mim pela vida fora, ainda hoje me não dispensando de o ler, quando os meus afazeres mo permitem. O *divino Hugo!*

E lembrar-me de que ainda há pouco li, na prosa *académica* de um dos nossos modernos críticos de alto coturno, que Victor Hugo era um romancista *mediocre!*

Proh pudor! — que mistéria!

Seria caso para dizer ao crítico de alto coturno, aquêlê verso eterno de Virgílio:

Quê se dementia cêpit!

JOÃO PAULO FREIRE



Victor Hugo, num retrato muito pouco conhecido



GENE TIERNEY

NUMA ATITUDE QUE PARECE
TRADUZIR A ALEGRIA DE VIVER.

DESORIENTAÇÃO

AS notícias que correm ultimamente nos círculos do mundo do cinema, habitualmente bem informados, são de pôr os cabelos em pé às pessoas que de longe assistem a este impressionante certame de desorientação e insensatez. Com efeito, nunca, como agora, a indústria de filmes, no nosso país, tomou aspectos tão ilógicos e tão confusos. Correm versões acasteladas de factos que se passam nos bastidores do meio cinematográfico português; citam-se afirmações de personalidades responsáveis, que seriam revolucionárias se não fossem desprovidas do mais elementar bom-senso; lançam-se empreendimentos que parecem condenados a malogro inevitável — e tudo isto com o ar mais natural deste mundo, como se fosse o caminho normal e seguro para chegar ao fim e atingir os objectivos em vista.

Comparam-se filmes que não se acabam a realização de outros por meses infinitos; reduzem-se a metade os que estavam grandes; enchem-se com cena síncretis ou que se apresentam curtos; contratam-se técnicos com funções que nunca exerceram; improvisam-se, para postos de responsabilidade, autênticos ignorantes; nega-se hoje o que se afirma no dia seguinte, para voltar a negar aquilo que se já fez. Um observador atento e desapassionado teria muito trabalho para distinguir onde acaba a irresponsabilidade e começa o desvirtuamento num meio onde todos parecem apostados a entorcer ainda mais aquilo que não está direito.

A última notícia, a mais estranha, a mais perturbadora é esta: um produtor pensa montar a indústria de forma a assegurar a continuidade indispensável de produção. Até aqui, muito bem. Mas, com o pretexto de que os técnicos portugueses se encontram viciados, afirmo o propósito de organizar os seus quadros profissionais com elementos que nunca tenham pôsto o pé num estúdio! Que, em 1925, se tenha assumido em Portugal, ao cabo de tantas e tão dolorosas experiências — eis o que se nos afigura verdadeiramente assombroso. Todos nós sabemos que os produtores e realizadores têm vindo das mais diversas e estranhas actividades. Mas sabemos, também, quanto custaram, por vezes, as experiências levadas a efeito. Suponham agora que todos os elementos técnicos e artísticos são recrutados da mesma forma! Que o assistente era, anteriormente, aprendiz de farmácia; o homem de «câmara», polícia sinaleiro; o operador, agulheiro da Carris; o anotador, vendedor de sorvetes, etc., etc. Já imaginaram os resultados?

Dir-se-á: mas será possível? Pela nossa parte, não pomos em dúvida. Em menor escala, e até com pessoas que têm obrigação de atender aquilo que se chama «competência profissional», se vêm verificando factos idênticos. Todos os dias se improvisam técnicos neste abençoado rincão — e se lhes atribuem, independentemente, da respectiva categoria profissional, cargos que nada têm que ver com a sua experiência ou habilitações.

Muitas pessoas supõem que a sua experiência industrial, noutros campos, os autoriza a tentar fórmulas que deram resultado dentro da respectiva esfera de acção. Mas o cinema é uma indústria diferente de todas as outras, e, entre nós, adquire, pela força das circunstâncias, características especiais, que a tornam ainda mais complexa, mais estranha, mais problemática.

Há tempo, numa entrevista radiofónica, perguntaram-nos qual era, a nosso ver, a maior necessidade do cinema português. Dissemos então, que, antes de mais nada, ele carecia de bom-senso.

Os factos demonstram cada vez mais a afirmação. Mas, a pouco e pouco, vamos-nos convencendo de que o bom-senso não basta. Recreamos seriamente que venha a ser previsto o «colête de forças»...

FERNANDO FRAGOSO



Red Shelton visita Maureen O'Sullivan durante as filmagens dum novo «Tarzan». E procura demonstrar que lhe sobram qualidades para rivalizar com Weissmuller. Maureen parece divertida com a situação.



Spencer Tracy e Signe Hasso. Ele, o grande e inolvidável actor de sempre. Ela, uma nova estrela do firmamento cinematográfico, que já não é, como ontem, simples promessa, mas um valor positivo com que se pode contar. Nascida em Estocolmo, esta compatriota de Greta Garbo foi, como ela, aluna da Real Sociedade Dramática e distinguíu-se no teatro, antes de Hollywood a descobrir.

"A LEI DAS TRÊS MORTES"

TODOS OS ANOS, EM HOLLYWOOD, DESAPARECEM TRÊS GRANDES FIGURAS DO MUNDO CINEMATOGRAFICO

Um jornalista americano declarou, recentemente, que há um tema *status* nas conversas de Hollywood: «a lei das três mortes». Com efeito, é crença generalizada que, à ródia do ano, sempre que morre um actor famoso, a morte continua a rondar a cidade até vitimar mais duas figuras proeminentes, de qualquer forma ligadas à colónia da Cinelandia.

Verdade? Fantasia? Simples supersti-

ção? O certo é que de 1930 até os nossos dias, a lei vem sendo cumprida de forma inexorável. Els as vítimas, através dos anos:

1930 — Lon Chaney, Milton Sills e Mabel Normand.

1931 — Lya de Putti, David Belasco e Lillian Leitzel.

1932 — Lou Tellegen, Chauncey Olcott e George Lupino.

1933 — Fatty Arbuckle, Jack Pickford e Ernest Torrence.

1934 — Lowell Sherman, Lilyan Tashman e Marie Dressler.

POSSO o mês de Junho e, com ele, o momento difícil que os cinemas atravessam todos os anos. Os primeiros dias de calor, a abertura da Praia, o atractivo das esplanadas, a hora tardia a que o sol se põe — causam sempre perturbações na regularidade de exploração dos espectáculos. Mas os empresários sabem que as coisas são como são, e, assim, contam com este colapso tão inevitável como passageiro. Depois, os cinemas, este ano, adoptaram uma tática inteligente para resistir à «estagem». Procuraram apresentar bons filmes, manter o interesse dos cartazes. E, assim, sofreram, é certo, com a ausência de público nos dias abafados, mas viram as salas cheias logo que a brisa do mar tornou a temperatura suportável.

1935 — William Boyd, Will Rogers e Thelma Todd.

1936 — Thomas Meighan, Marilyn Miller e John Gilbert.

1937 — Jean Harlow, Ralph Ince e George Gershwin.

1938 — Pearl White, Warner Oland e Conway Tearle.

1939 — Owen Moore, Douglas Fairbanks e Pauline Frederick.

1940 — Tom Mix, Ben Turpin e Agnes Ayres.

1941 — Helen Morgan, Lew Fields e «Lone Rangers» (E. W. Graser).

1942 — Buck Jones, Carol Lombard e John Barrymore.

1943 — Conrad Veidt, Leslie Howard e Montagu Love.

1944 — Lupe Velez, Harry Langdon e Laird Cregar.

Lupe Velez, que tinha um verdadeiro terror da «lei das três mortes» foi, afinal, abrir, inconscientemente, a última série.

NOTA DA SEMANA

Julho começou com todos os cinemas a funcionar. Lisboa tem, deste modo, os espectáculos cinematográficos com o interesse dos meses de inverno. E se o negócio não é tão brilhante, nem por isso pode dizer-se que não valha a pena mantê-lo. Já pensaram o que aconteceria se todos os cinemas fizessem, como os teatros, e fechassem as suas portas?

«Há quanto tempo o não via — e que saudades, Deus meus». Foi com este comentário, recordando a Augusto Gil, que uma rapariga saíudou, há dias, esta foto de Roberto Taylor! De facto, o famoso galá, anda lá pelo Pacífico, dentro do seu uniforme de soldado — e daí as suas ausências do estúdio. Ao lado dele, com o ar de menina ajuizada, muito senhora dos seus bandós, está Susan Peters, aquela rapariga que se apaixonou pelo Colman, no «Viva Perdida». Ambos são os intérpretes de «Balada Oriental», filme a que pertence a foto que publicamos.



Manuela Bonito



Armando Avila



Conceição Ramalho

UM FILME HISTÓRICO SOBRE OS AÇORES

"AQUI É PORTUGAL!"

OS Açores, portuguesíssimas ilhas do Atlântico Norte, vão ter em breve, na tela, uma evocação grandiosa e bem merecida.

Filme estruturalmente histórico, *Aqui é Portugal* — assim se intitula o filme, servindo-se da frase já consagrada — vai ser realizado pelo cineasta Armando Miranda, sob argumento do nosso camarada da Imprensa Armando Avila, com música da actriz-compositora Manuela Bonito, que no mesmo actuará como principal intérprete.

Conceição Ramalho, declamadora da Emissora Nacional, considerada uma das mais lindas vozes da rádio portuguesa, será a locutora do filme, na parte descritiva e histórica.

Como nota curiosa diremos que são três açoreanos, melhor, três-terceiros, os principais animadores do filme que, em breve, será iniciado.



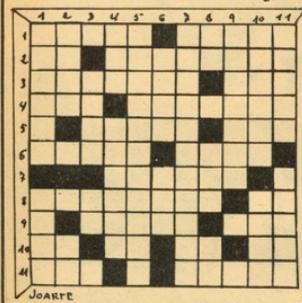
PAS-TEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

PROBLEMA N.º 25 (Concurso)

Por José Duarte
(Lisboa)



palavras CRUZADAS

ENUNCIADO

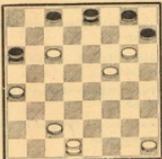
HORIZONTAIS: 1 — Sóbrio; asfixia. 2 — Viração; Investe. 3 — Acto ou efeito de revoar; lamentos. 4 — Pútil; que tem orvalho (poét.). 5 — Presença em lugar diverso do de crima na ocasião em que foi cometido; gruta (o gato) (inv.). 6 — Cisternas (inv.); partido. 7 — Muito frio. 8 — Danificada; caminhava. 9 — Graça; grande quantidade. 10 — Andar; único; aquelas; basta. 11 — Cont. de prep. e art. (pl.); livres.
VERTICAIS: 1 — Tolo; azedume do estômago. 2 — Espaço; letra grega. 3 — Desaparecer no ar; ruim (inv.). 4 — Animal doméstico; enganes. 5 — Fabricantes de ourtinas. 6 — Distribuição de esmolas (inv.) — Ódio de cálcio (inv.). 7 — Amarilidicinas. 8 — Nome de letra; nome feminino; leão. 9 — Cotro curtido. 10 — Forma; embarcação de recreio. 11 — Queimar; bater com vara.

PROBLEMA N.º 24 (Solução)

HORIZONTAIS: 1 — Amarelecem. 2 — Cartativo. 3 — Ate-recidas. 4 — Major; alapa. 5 — Ala; vi; lídros. 6 — Roda; flizra. 7 — Atomizaram. 8 — Dar; acarada. 9 — Adaga; rapaf. 10 — Rássa; mesa.
VERTICAIS: 1 — Acamaradar. 2 — Matolotada. 3 — Are-ladonas. 4 — Rir; ova; maga. 5 — Ertificar. 6 — Laca; lizra. 7 — Estilizaram. 8 — Cidade; rape; r. 9 — Esvaporadas. 10 — Mosa; amara.

PROBLEMA MISTO

Pretas: 3 pedras e 2 «damas».



Brancas: 6 «pedras» e 1 «dama».

Jogam as brancas e ganham.

(Conclue no próximo número)

CRITICA DUM JOGO DE «DAMAS»

Solução do final da partida criticada pelo capitão Evaristo Borges, e publicada no nosso número 214, de 21-6-945.

As pretas, ao 25.º lance, quando jogaram 15-19, deviam ter jogado assim:

1.º hip.	2.º hip.	3.º hip.
10-14	15-6	15-6
10-14	6-10	6-17
14-18	10-13	10-20
18-21	13-17	20-24
21-25	17-6	20-23
	G.	14-18
		13-17
		20-23
		13-31
		G.

4.º hip.	5.º hip.	6.º hip.
10-14	15-6	15-6
6-10	6-13	6-17
13-17	6-13	16-20
16-20	13-10	10-14
	G.	14-18
		18-21
		20-23
		13-31
		G.

NOTA — Mais hipóteses se poderiam formular; porém, julgamos caso desnecessárias. O lance da vitória era o 25.º — 15-6, e o jogo estava verdadeiramente ganho. Mas jogando como jogo 15-19, o jogo está irre-mediavelmente empatado.

XADREZ

SOLUÇÃO DO FINAL DE JOGO PUBLICADO EM 21-6-945

(Sr G. Thomas-Bogolubow)
1. Rd5, Td5+; 2. Rc4, Td4+; 3. Rb3, Td4+; 4. Rc2, Tc3+; 5. Rb2, Tc6 (para evitar o mate). 6. Rxa2 e ganha.

SOLUÇÃO DA PARTIDA PUBLICADA EM 28-6-945

(Masoni da Costa-Júlio Vasquez)
46...Td1+ (na partida que terminou empatada, Masoni jogou 46...Te7—e6). 47. Rb5, b6+; 48. Rb4, Td1+; 49. Ra4, Te4+; 50. c4, Txc4+; 51. Cxc4, a x b5 mate.

A BEM DA LÍNGUA

(Continuação)
Outro exemplo:
O adjectivo *esportivo* escrevia-se antigamente (e hoje ainda muita gente escreve) *esportanea*.
Outros dois erros:
1. Falta-vhe o acento circunflexo no A para que se não pudessem ler *esportanea* (dónica no NE).
2. — Escrevia-se com X quando deve escrever-se com S.
Esportanea vem do latim *sportaneus*, e tal X nunca ali existiu.
(Continua)

DAMAS

(Secção portuguesa)

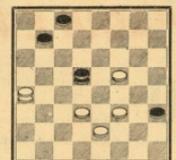
PROBLEMA DE «DAMAS»

Algumas das suas definições (Continuação)

6.º — Tanto no problema simples, como no final, a dificuldade de solução está na razão directa da habilidade e subtilidade com que o compositor souber enobrir (ou camuflar, como costumava dizer-se nestes tempos modernos) com as unidades da «operação preparatória», a «operação decisiva» e o «final de jogo».
7.º — Exemplificaremos as duas classes em que se afigura lógico dividir o problema de «damas»:

PROBLEMA SIMPLES

Pretas: 3 pedras e 1 «dama»



Brancas: 4 «pedras» e 1 «dama»

Jogam as brancas e ganham.

Operação preparatória:
16-7 6-10
19-5 5-21

Operação decisiva:
7-4 4-14-32
21-7 G.

O VELHO PORTO
Nepoort
sabe a quem sabe

A TEMPO!

Todas as manhãs — se tiver o cuidado de tomar no deitar a sua pequena de LAXOBAC.
«Laxobac» foi preparado e estudado para os que não têm os intestinos regularizados. A sua acção é certa. Quando tomar Laxobac as suas funções intestinais serão cronométricas. Tanto as crianças como os adultos gostam de «Laxobac», que só sabe a chocolate.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudo 560 e 1000 cada caixa, além de no nome.

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

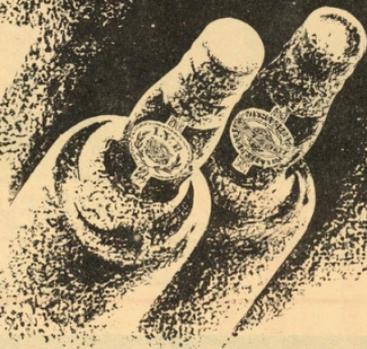
Medicinal pequena — tubo 10\$00
Medicinal grande — tubo 16\$00
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Lika
MATA
PERCEIJEITOS BARATAZ PULGAS TRACA

Vende-se nas Farmácias e Drograrias
Depósitos:
Lisboa — Largo do Contador Mór, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108



VINHO do PÔRTO



DOIS DOS HOMENS
DA GUERRA VISTOS
POR UM HUMORISTA



CHAMA-SE Jack Eisner e vive nos Estados- Unidos o homem que tem o talento de «construir em papel as máscaras dos homens. Aqui o vemos trabalhando numa formidável caricatura de Bernard Shaw e, depois, dois dos homens maiores desta guerra: Roosevelt e Churchill.



Roosevelt



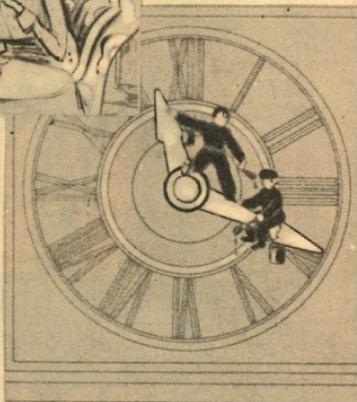
Churchill



— SE ISTO CONTINUA, OS VIZINHOS DE BAIXO VÃO PROTESTAR!



— SE O NOSSO CAMARADA NÃO TRAZ A ESCADA, DENTRO DE CINCO MINUTOS NÃO SEI QUE NOS ACONTECE...



— Meu Deus, mas aqueles homens discutem que se fartam!

— Querem saber de que há-de ser a carta de racionamento do Centauro. Uns dizem que de carne e os outros dizem que de fava!



— Por que estão a bater-se?
— Ora, vê aquele canteiro à janela? O pai quer semear tabaco, a mãe quer batatas e o filho uma árvore de canchouç!